



Andreia Marisa da Silva Rego

2º Ciclo de Estudos em:

Ensino de Filosofia no Ensino Secundário

O Professor como Educador

2014

Orientador: Doutora Paula Cristina Moreira da Silva Pereira

Co-orientador: Doutor Joaquim José Jacinto Escola

Classificação: Ciclo de estudos:

Dissertação/relatório/

Projeto/IPP:

Resumo

O presente relatório tem como principal objetivo compreender a importância da profissão docente, o seu papel como educador e a responsabilidade pelo desenvolvimento intelectual, assim como, pelo desenvolvimento moral e social dos alunos. Portanto, chama-se a atenção para a importância e para a necessidade de transmitir valores, atitudes e competências que permitem os alunos a agir e a participar na vida social, formando pessoas e futuros cidadãos. Neste caso em particular, foi implementada uma atividade para toda a comunidade escolar que se designava por “Dilemas Éticos”. Parte-se do pressuposto de que esta atividade pode contribuir significativamente para a formação de atitudes e para o desenvolvimento da personalidade, sendo uma forma de preparar e capacitar o educando para a vida futura, cada dia mais e mais complexa. De facto, a promoção da autonomia através do desenvolvimento das capacidades de análise, síntese e raciocínio, contribui para a formação de alunos independentes e responsáveis pelos seus próprios atos, e, consequentemente, para a interiorização de valores para uma consciência cívica e solidária. No entanto, para além de orientações práticas previamente elaboradas, de um sólido conjunto de recursos didáticos e de conhecimentos, é a proximidade que se estabelece entre o professor e os alunos, isto é, a boa relação pedagógica que contribui para a plena educação.

Este projeto de investigação-ação também apresenta a entrevista a alguns professores da Escola Secundária Daniel Faria - Baltar, contribuindo para a reflexão sobre o papel do professor, o ato de educar e a atitude do professor de filosofia como elemento determinante para o ensino da filosofia no ensino secundário.

Pretende-se que este projeto sirva fundamentalmente para potenciar uma compreensão mais aprofundada sobre o papel do professor como educador.

Abstract

The main objectives of this essay are: understanding the importance of teaching, the teacher's role as educator and his/her responsibility for the intellectual development, as well as for the moral and social development of the students. Therefore, it draws attention to the importance and necessity of transmitting values, attitudes and competences which enable students to act and to participate in social life, forming people and future citizens. In this particular case, it was implemented with the school community an activity called "Dilemas Éticos". It is assumed that this activity can significantly contribute to the improvement of attitudes and to personality development, being a way to prepare and capacitate the learner for future life, each day more and more complex. In fact, the promotion of autonomy, through the development of the abilities of analysis, synthesis and reasoning, conduces to the formation of independent and responsible students for their acts and, consequently, to the internalization of values to a civic and supportive conscience. However, besides the practical instructions previously created and a solid set of didactic resources and knowledge, it is the link between the teacher and the students, in other words, the favourable pedagogic relationship which enables to a complete education.

This action-research essay also presents an interview with some teachers of the Secondary School Daniel Faria – Baltar, contributing to the reflexion about the teacher's role, the educating process and the attitude of philosophy's teacher as an essential element for the teaching of philosophy at the secondary level.

It is an intention that this essay mainly serves to potentiate a deeper understanding about the teacher's role as an educator.

Dedicatória

Aos meus pais e irmã.

Agradecimentos

Aos meus pais e irmã que sempre acreditaram nas minhas capacidades, compreenderam as minhas ausências e me apoiaram incansavelmente ao longo da minha vida e durante o meu percurso académico.

Ao meu co-orientador, Doutor Joaquim José Jacinto Escola, pela amizade e atenção, pelos ensinamentos transmitidos durante a minha formação profissional e da elaboração deste relatório.

À orientadora, Doutora Paula Cristina Moreira da Silva Pereira, pela motivação e disponibilidade que sempre demonstrou ao longo do projeto.

Ao professor Fernando Macedo, pela exigência, compreensão e pelos ensinamentos transmitidos ao longo deste ano letivo durante a minha formação profissional.

Aos alunos e professores do ensino secundário da Escola Secundária Daniel Faria – Baltar pela participação neste projeto de investigação-ação.

À minha professora e diretora de turma do ensino secundário Ana Branco, pela sua amizade e disponibilidade.

Aos meus colegas de faculdade por todo o apoio.

À minha amiga Dora Silva pela sua presença nos momentos mais difíceis, pela nossa amizade e por toda a força e ajuda.

Aos meus amigos que sempre compreenderam as minhas ausências durante este ano letivo, em especial: o Fábio Araújo, a Patrícia Ferreira, o Cláudio Azevedo, a Eunice Silva, o Fábio Dantas e a Susana Sequeira.

Índice

Introdução	8
Parte I – Fundamentos Teóricos	10
Capítulo I	10
1.1. A educação para o desenvolvimento pessoal e social dos alunos	10
Capítulo II	14
2.1. O papel do professor	14
2.2. O professor como educador	22
2.3. O ato educativo	27
2.4. Valores e educação	30
2.5. A relação pedagógica	36
Capítulo III	42
3.1. O papel do professor de filosofia	42
Parte II – Apresentação de casos práticos	44
1. Descrição da escola e perfil dos alunos	44
1.1. Escola Secundária Daniel Faria	44
1.2. As turmas 11º A de Filosofia e 2 M-P de Área de Integração	46
2. Projeto de investigação-ação	47
2.1. Etapas do projeto	47
2.1.1. Primeira etapa – Atividade: os “Dilemas Éticos”	47
2.1.2. Segunda etapa – Resultados das entrevistas aos professores do ensino secundário da Escola Secundária Daniel Faria – Baltar	50
Considerações finais	58
Bibliografia	60

Anexos

-Anexos 1	63
-Anexos 2	65
-Anexos 3	71
-Anexos 4	74

Introdução

Nos primeiros anos de vida, a criança recebe a primeira educação através dos seus pais e familiares, aprendendo a interagir com o meio social. De seguida, advém a necessidade de uma educação mais formal, que irá contribuir para um maior conhecimento de saberes e de valores para a realização futura. Esta educação só é possível através do trabalho do professor e este é insubstituível. Apenas o professor é detentor de conhecimentos científicos sobre uma determinada matéria e origina através da sua prática educativa uma diversidade de valores que devem estar presentes no desenvolvimento dos alunos. De facto,

“a educação é, ao mesmo tempo, aquisição da multiplicidade de valores e sua integração progressiva na unidade de personalidade.” (GAMEIRO, 1974: 66)

Através de uma definição sobre a educação equaciona-se, no presente relatório, a importância de refletir sobre a função do docente e a problemática do papel do professor como educador, as técnicas didáticas e os métodos mais relevantes na prática educativa, o ato educativo realizado dentro da sala de aula e a importância da relação pedagógica entre professor-aluno. Por sua vez,

“a relação pedagógica torna-se, assim, o âmago e o centro da atividade profissional do docente. Todos podemos aprender, em princípio, sem a assistência do docente. Mas também devemos reconhecer que, sem a relação com um docente, a possibilidade de aprendermos e de aprendermos bem é extramente reduzida.” (CUNHA,1996: 95)

Além disso, a educação para a cidadania desenvolve o país e esta mudança começa dentro da sala de aula. O professor é responsável pela formação dos alunos enquanto futuros cidadãos, capazes de conhecer os seus direitos e lutar por eles. Como tal, o trabalho do professor é imprescindível e deve ter a consciência do seu papel diante dos alunos, das famílias, da comunidade onde a escola está inserida e da sociedade em geral.

Foi tendo isto em consideração que foi desenvolvido este projeto de investigação com a comunidade escolar e com os docentes do ensino secundário da Escola Secundária Daniel Faria – Baltar, consistindo, em termos gerais, na pesquisa sobre a dimensão do professor na prática educativa e na importância de uma educação para os valores. Assim sendo, os principais objetivos do projeto foram: refletir sobre a dimensão da profissão docente e o seu papel na atualidade, valorizando as boas práticas em diversas áreas da atividade docente, especialmente na gestão das aulas e na relação pedagógica entre o professor-aluno, e refletir sobre a importância do papel do professor da disciplina de filosofia, tendo em atenção as suas atitudes e valores que transmite aos educandos através da sua prática educativa.

Formalmente, este relatório estrutura-se em duas partes principais: na primeira parte são apresentados os fundamentos teóricos que subjazem ao projeto e na segunda parte são apresentados os casos práticos. Cada parte está dividida em capítulos e subcapítulos para facilitar a compreensão de cada uma das teorias, fases de desenvolvimento e respetivos resultados.

Depois de apresentado o projeto na sua totalidade seguem-se um conjunto de considerações finais, os anexos e as referências bibliográficas.

Parte I – Fundamentos Teóricos

Capítulo I

1.1. A educação para o desenvolvimento pessoal e social dos alunos

A educação é um processo que visa o desenvolvimento das capacidades físicas e intelectuais, de todas as faculdades e aptidões do educando, num contexto de socialização progressiva e de uma adaptação aos valores morais e sociais, normas de conduta, da transmissão da herança cultural, científica e tecnológica.

Segundo Quintana Cabanas,

...a educação pode entender-se de modos muito variados, tendo em conta os pressupostos antropológicos de que se parte, podendo entendê-la, por exemplo, como simples desenvolvimento subjetivo, ou como ação sobre o educando, ou como sustentáculo da personalidade, ou como adaptação do indivíduo à sociedade, ou como manifestação espontânea da natureza ou como interiorização da cultura, ou como libertação, ou como repressão, ou como facilitadora da expressão subjetiva, ou como subordinadora de valores objetivos. Esta temática é transcendental para definir e fundamentar a educação, sendo além disso muitíssimo complexa.
(CABANAS, 2002: 23)

A educação caracteriza-se pelo ato ou efeito de educar que visa a criação de condições que facultam a aquisição de conhecimentos, capacidades e competências desejáveis para um desenvolvimento pessoal e social que permite viver de forma livre, autónoma, digna e civilizada.

Tal significa que a educação é uma ação duradoura e universal, que é exercida nas crianças e jovens por vários elementos responsáveis que se caracterizam pelos pais, os encarregados de educação, os professores e os diretores de turma. Cada um destes elementos tem uma ação direta sobre o educando. Como tal, deverão assumir a sua parte de responsabilidade e de tarefas específicas a realizar, com a finalidade de educar.

Apesar de serem tarefas diferentes, deverão trabalhar em conjunto para os mesmos objetivos, a fim de se tornarem mais ativos e eficientes na sua ação educativa.

O educando vive uma fase na sua vida em que precisa de se sentir amparado, protegido e orientado, pois trata-se de um adolescente imaturo sem capacidades para tomar decisões de forma autônoma e responsável. Neste sentido, considero que os pais têm a obrigação de amparar e auxiliar os seus filhos e os professores devem transmitir conhecimentos e orientar os educandos.

Inicialmente, o ser humano beneficia da educação pela ação da família. Os pais são as pessoas mais próximas e interessadas na formação dos educandos. Consequentemente, deverão acompanhar a vida escolar e social dos seus filhos e para isso, deverão interessar-se por pedir informações e integrarem-se nas questões escolares, relacionadas com a educação dos seus filhos. Desta forma, compreendemos que a educação não é feita somente a nível escolar.

A educação inicial pouco poderá adiantar em termos de um desenvolvimento que ultrapasse a satisfação das necessidades primárias. Como tal, esta educação revela-se a um dado ponto insuficiente daí a urgência de existirem outros educadores que têm um papel importantíssimo na sociedade, com a tarefa de transmitir os conhecimentos e de educar as gerações futuras.

Para que a educação fosse realizada de uma forma mais organizada, geraram-se as escolas. As escolas são instituições imprescindíveis, criadas principalmente para ensinar e educar, para promover a formação social e pessoal dos alunos, de forma a transmitir a herança social, favorecer o progresso, auxiliar a integração das novas gerações na sociedade, conduzindo-os a ser, realmente, cidadãos, investidos de todas as responsabilidades, direitos e deveres exigidos na vida social.

É nas escolas que a grande maioria das crianças e dos jovens aprendem uma diversidade de conhecimentos, competências, atitudes e valores que dificilmente poderão aprender noutros contextos. O aluno reconhece as suas limitações e aceita a escola como um caminho. Por conseguinte, esta instituição é decisiva para que os jovens compreendam o mundo em que vivem e para que possam intervir de forma crítica, autônoma e responsável na sociedade.

Geralmente, uma pessoa passa praticamente toda a sua vida sob influência educativa, e por isso, é essencial compreender as fases da vida escolar, a sua contribuição para a formação e os aspetos da educação que são mais desenvolvidos nos educandos.

O jardim de infância é um local apropriado para cultivar a espontaneidade das crianças de maneira a favorecer o seu desenvolvimento mental, físico e social. Recorrendo a situações significativas que acontecem no dia a dia, as crianças compreendem os valores morais e constroem um espírito de entreajuda e de respeito pelos outros.

A escola primária é a fase da aquisição de conhecimentos e o desenvolvimento do comportamento social. A criança recebe formação sobre as técnicas fundamentais como a leitura, a escrita e o cálculo, dando início às suas próprias capacidades. Continua o trabalho de socialização e estimula o espírito de comunidade para a sua adaptação ao mundo exterior.

A escola secundária dá aos alunos a oportunidade de aceder, de uma forma mais ampla ao conhecimento científico e à cultura geral que lhes permite a apreensão dos valores morais e sociais, a assimilação do comportamento social que os integra na cidadania. Efetiva-se a educação do aluno através de estímulos proporcionados pelos diversos setores da vida social. Por tais motivos torna-se importante valorizar o conhecimento escolar, que constitui um meio incontornável de emancipação e de independência dos jovens. Assim,

... é de acentuar o papel fundamental que a escola desempenha na formação dos indivíduos. (MORGADO, 1999: 13)

Por conseguinte, a educação é um instrumento fundamental para a formação e qualificação dos indivíduos de modo a que o seu trajeto de desenvolvimento pessoal e social seja um êxito. Portanto, compreendemos que a maior preocupação da escola é formar e educar os alunos.

No entanto, existe uma necessidade de transformar e adotar a escola a uma nova filosofia da educação e renovar a formação dos professores com o objetivo de reformar e modernizar os tradicionais processos de ensino e desenvolver os valores culturais, sociais e morais nos educandos.

Na educação deve existir uma relação direta e necessária entre ensinar e aprender. Sendo assim, é importante ter uma noção sobre estes dois conceitos. Considero que ensinar é um trabalho bem mais essencial do que qualquer outra atividade profissional. Ensinar é questionar, partilhar, criar e selecionar tarefas que desafiem as capacidades e a inteligência dos educandos, para que possam compreender o sentido da vida, atribuir

significados e usufruir da liberdade que o conhecimento proporciona. Para isso, é necessário ter boas condições escolares, programas apropriados, ter uma organização funcional, uma administração eficiente e depende sobretudo de um professor competente, consciente da sua missão e das suas responsabilidades. Estes são os fatores para uma qualidade de ensino. Aprender é adquirir conhecimentos e pô-los em prática na sua vida futura.

Portanto, a finalidade da educação está em conseguir que o educando se desenvolva de tal forma que ao chegar ao estado adulto se considere a si próprio como um ser livre, responsável e integrado na sociedade porque não se educa para o isolamento, pois o homem é um ser gregário, um ser social. Mas para tal, é necessário um elemento indispensável e fundamental no processo educativo, o professor. Considero que a influência de um professor se estende através de gerações, prestando um relevante serviço, pois a educação é tudo o que a humanidade aprendeu acerca de si mesma.

O fenómeno educativo encontra-se inquestionavelmente associado à transmissão de ensinamentos acumulados pelas gerações anteriores, as suas experiências e as suas descobertas, que garantem uma eficaz preservação da cultura e da continuidade da vida social. Cada geração é moldada pela educação segundo o contexto histórico-social em que se encontra. Por sua vez, o sistema educacional é, simultaneamente, uno e múltiplo, no sentido em que podemos afirmar que nele existe uma diversidade de formas de educação, quanto aos diferentes meios da sociedade.

A educação tem responsabilidades perante o educando e a sociedade, pois os seus efeitos contribuem para a introdução progressiva das crianças e jovens na comunidade, ajudando no crescimento, no processo de maturação e na transformação de seres responsáveis pelo mundo, como tal, o professor ao educar para a cidadania está a promover a plena inserção das crianças na sociedade como seres autónomos, livres, responsáveis e solidários.

Nesta linha, Pedro D'Orey da Cunha defende que

o professor é concebido como profissional que intervém na sociedade para que sejam cumpridos os valores éticos de igualdade de oportunidades educativas para todos os cidadãos e, ao mesmo tempo, a prossecução dos padrões de excelência educativa a que todos podem chegar. É este um ideal inspirador, uma atitude de espírito e um imperativo ético que corresponde a

uma nova concepção do professor como interveniente social... (CUNHA, 1996: 131)

As novas gerações devem ser educadas para participarem ativamente no processo histórico de transformação e melhoria da vida social. Portanto, podemos afirmar que a educação é um processo de inserção do educando no seu contexto sociocultural em contínua transformação. Este processo deve formar a mentalidade do educando, formar o seu carácter e desenvolver a sua personalidade de forma a integrar-se na sociedade.

Para além do professor, também é importante referir a importância do diretor de turma como um elemento responsável pela educação. O diretor de turma desempenha um papel muito importante na educação dos alunos e é considerado como uma figura central do funcionamento da escola, pois é o elo de ligação entre todos os professores e o interlocutor privilegiado dos pais e encarregados de educação.

Por fim, consideramos que educar é uma tarefa difícil, mas compensa, porque educa-se para a felicidade para o progresso do educando. Assim, uma boa educação é uma das maiores fortunas, porém, saber educar é um dos maiores desafios exigindo conhecimentos aprofundados, competência e responsabilidade.

Capítulo II

2.1. O papel do professor

A noção de professor tem sofrido modificações com a evolução das civilizações e da cultura. O significado da palavra «professor» tem várias interpretações, como por exemplo, mestre, preceptor e educador. O seu significado tem oscilado entre transmissor de conhecimentos, regularizados e comprovados pela experiência, motivador da aprendizagem, estimulador da aquisição e procura do saber.

A profissão docente assenta num conjunto de saberes e atitudes, um ideal de serviço que lhe dá significado e que remete para o conceito de profissionalismo. Este profissionalismo deverá ser considerado em duas perspetivas: o comportamento do próprio professor e o que pretende incutir nos seus alunos. Assim, o exercício docente requer uma ética profissional e uma deontologia.

Segundo Elza Mesquita,

...«ser professor é ser um guia, é ser um orientador» que «tem de apoiar as crianças em todos os aspetos». Atribui-se-lhe o papel de facilitador das aprendizagens das crianças, o que significa «poder ajudá-las, orientá-las em tudo que elas necessitem». Ser professor não é só «fazer só com que os alunos aprendam os conteúdos de um livro», é muito mais que isso, é «fazer com os alunos sejam competentes para ultrapassar situações, nomeadamente, problemáticas», o que significa formá-los e orientá-los», levá-los «pelo melhor caminho». (MESQUITA, 2011: 86-87)

Esta afirmação dá conta do importante estatuto do professor, que caracteriza-se por um ser idealista, sem grandes ambições materiais, que trabalha para o bem dos alunos, isto é, para a felicidade do outro. Ser professor é saber transmitir, é saber ensinar, é saber despertar o interesse dos seus alunos pela matéria tornando as suas aulas interessantes e atrativas. É ter um método de trabalho, saber organizar os conteúdos e explica-los de tal forma que todos os alunos entendam.

Ser professor é mais do que ser conhecedor de uma disciplina e dar aulas sobre a mesma, caso contrário, seria reduzir a educação ao processo de mera instrução. Para educar muito mais é exigido. Desta forma, o docente não deve ser apenas instrutor, que é um tipo de professor que se limita a transmitir os seus conhecimentos. Indica os conteúdos julgando que é o mais importante, sem interesse pelas preocupações dos alunos, pela motivação e as dificuldades de aprendizagem. O aluno é um ser humano com preocupações, desajustamentos e dificuldades que tem muito mais para oferecer do que apenas copiar, decorar e repetir a matéria.

Consideramos que as aptidões para ser professor são: ter uma boa saúde e equilíbrio mental; ter uma boa apresentação; uma boa voz, firme, agradável e convincente; uma linguagem fluente, clara e simples; ter confiança em si mesmo e controlo emocional; firmeza, perseverança e liderança; imaginação, criatividade e iniciativa; habilidade de criar e manter boas relações humanas; ter consciência profissional dos seus direitos, deveres e responsabilidades. Estas aptidões podem e devem ser desenvolvidas e aperfeiçoadas por todos os professores ao longo da missão educativa, através de uma contínua autoanálise e reflexão sobre o seu desempenho enquanto docente.

Os requisitos para um professor competente, adquirem-se, em parte, através de práticas pedagógicas. Não existe, por isso, um professor totalmente predestinado e possuidor de capacidades pedagógicas inatas.

A profissão docente é um cargo de altas e complexas responsabilidades para com o aluno e para com a sociedade, como tal, é necessário que o professor obtenha uma boa preparação e formação adequada. O professor deve possuir um sólido conhecimento do conteúdo das disciplinas que leciona mas também deve entender a psicologia educacional e aplicar as técnicas didáticas mais indicadas para promover a melhor aprendizagem dos alunos.

O professor competente busca constantemente identificar as melhores técnicas de ensino, mais adequadas e eficazes, porém, por si só, não garantem um ensino totalmente eficiente porque precisa de manifestar através da sua personalidade, entusiasmo, competência e dedicação a motivação aos alunos para alcançarem as metas desejadas.

Por conseguinte, o professor deve proporcionar nas suas aulas um momento de motivação. Motivar é predispor o aluno ao que se quer ensinar, é levá-lo a participar ativamente nos trabalhos escolares, é despertar o interesse e a atenção dos alunos pelos valores contidos na matéria, criando neles o desejo de aprendê-la, o gosto de estudá-la e a satisfação de cumprir as tarefas que ela exige.

No âmbito do processo de ensino-aprendizagem, a motivação é um dos aspetos mais importantes e deverá estar sempre presente em todas as aulas, por isso, considero que cabe ao professor facilitar o processo de formação, motivando e influenciando o aluno no desenvolvimento da aprendizagem, porque os alunos quando estão motivados demonstram um maior interesse, curiosidade e participação nas aulas.

Concentrando eficazmente a atenção dos alunos, orientando com segurança o pensamento reflexivo e aplicando as suas atividades nos planos de trabalho e tarefas organizadas ao nível da capacidade da turma, o professor criará as condições necessárias para uma autêntica motivação. Essa será a condição essencial e básica para obtermos com nossos alunos o alto rendimento no trabalho.

Parte-se do princípio que

o aluno ideal – atento, interessado, estudioso e aplicado – com que sonham todos os professores, é o aluno devidamente motivado. No ensino moderno, a função profícua do professor será a de criar as condições psicológicas e ambientais necessárias para que essa motivação se concretize no espírito

dos alunos, possibilitando-lhes uma aprendizagem autêntica e eficaz. Sem ela, os alunos não estarão em condições de aprender com proveito. (MATTOS, 1971: 207-209)

Os propósitos da motivação consistem em despertar o interesse, estimular o desejo de aprender e dirigir esforços para atingir metas definidas.

Neste contexto,

uma classe motivada é formada por pessoas e coisas que provocam e mantêm uma interação plena de conteúdo e uma atitude de curiosidade em relação aos temas estudados, permitindo aos seus elementos trabalhar e cooperar eficazmente. (DREW, OLDS, OLDS, 1989: 11-14)

É evidente que o professor precisa de ter um perfeito e seguro domínio dos princípios e dos dados essenciais da matéria que pretende ensinar, competência científica sem a qual falharia completamente na sua missão. O conhecimento amplo e sistemático da matéria é a condição essencial e indispensável para a eficiência da profissão docente. Porém, deve somente apresentar aos seus alunos o essencial pois só assim poderão adquirir uma compreensão segura e nítida da matéria. É preciso que os professores não façam da sua disciplina, um fim, mas a utilizem como um meio de formação e desenvolvimento das capacidades do aluno.

Anteriormente, julgava-se que para ser bom professor bastaria conhecer bem a disciplina. Contudo, reconhecemos que não basta conhecer bem a disciplina para bem ensiná-la, pois não é só a disciplina que importa, uma vez que tem de ser considerados, também, o aluno e o seu meio físico, afetivo, cultural e social.

As matérias de ensino são os meios necessários e fundamentais para a formação das novas gerações para integrá-las na cultura e na vida.

Os tópicos com maior interesse funcional ou cultural da disciplina devem ser bem trabalhados para formar o educando, possibilitando-lhe uma ação mais ativa na comunidade. Para além dos elementos significativos da disciplina, devemos de ter também em atenção ao modo de orientar e estimular a aprendizagem, às atitudes assumidas em turma e o sentido moral dado ao uso dos conhecimentos teóricos e à exploração das aptidões pessoais como a imaginação, a iniciativa e a originalidade,

formando hábitos de trabalho e contribuindo para o bem-estar e o desenvolvimento das capacidades dos alunos.

Por outro lado, o professor não deve dar a aula centrada em si mesmo e somente exibir a sua sabedoria, pois dificilmente verá o aluno como um ser em aprendizagem que precisa de trabalhar na sala de aula para assimilar os conhecimentos e desenvolver as suas capacidades e construir a sua personalidade.

Além disso, o professor também não deve apenas reproduzir o modelo que recebeu dos seus professores, mas deve procurar o seu próprio modelo, colocando-se sempre do lado dos alunos, com abertura para a aprendizagem. Pois um professor que demonstra vocação para o ensino é um eterno estudante, um leitor assíduo, com vontade de ter novos conhecimentos, capaz de se entusiasmar pelo progresso da ciência e da cultura, desejoso de atualizar-se constantemente, de transmitir os seus conhecimentos e a sua experiência aos alunos.

Quando identificamos o perfil do professor, referimo-nos às qualidades que ele deve exprimir através de aspetos de ordem humana, intelectual e profissional. Considero que as qualidades são: possuir conhecimentos científicos fundamentais do domínio disciplinar a ensinar no âmbito das ciências da educação e da filosofia da educação; conhecer os problemas sociais, económicos, culturais e políticos relevantes do país; dominar os conteúdos programáticos dos manuais, guias escolares, recursos didáticos e outros instrumentos relativos ao processo de aprendizagem; promover o sucesso escolar adaptando estratégias de ensino às condições concretas da escola a partir de uma análise crítica; ter um comportamento correto, ter abertura e otimismo pedagógico, entusiasmo e confiança; promover e cooperar com os colegas de trabalho, ter uma tolerância pelas diferenças culturais, étnicas e linguísticas; promover o trabalho de grupo; identificar e integrar as crianças que passam dificuldades; contextualizar os programas com dados socioculturais e com as necessidades de aprendizagem; promover o espírito de solidariedade, compaixão, interajuda e afetividade; possuir a capacidade de adaptação, equilíbrio emotivo, capacidade intuitiva, senso do dever, capacidade de liderança, amor pelo próximo, sinceridade, interesse científico, humanístico e estético, espírito de justiça e disponibilidade.

Convém referir que a linguagem é um meio necessário de comunicação e tem um papel fundamental na prática docente, pois é através da sua utilização que o professor dirige os seus alunos para a aprendizagem. A linguagem do professor deve ser bem articulada e com boa dicção, enunciada com uma voz clara, firme, animada, e

expressiva, simples, natural e fluente, instrutiva, educativa e gramaticamente correta. Este tipo de linguagem distingue-se da linguagem vulgar, pouco disciplinada e incorreta. Uma boa linguagem e uma boa elocução do professor contribui para a boa educação dos alunos e torna a aula mais animada e interessante, motivando e estimulando os alunos para o ensino-aprendizagem.

No domínio da deontologia profissional o professor deverá assumir um conjunto de deveres, como por exemplo: ser assíduo e pontual, pois o contrário contribui para a indisciplina e a falta de respeito; ser inovador, dinâmico, comunicativo, crítico e eficaz; mostrar-se competente, zeloso, digno de honra e das responsabilidades que lhe são atribuídas durante o exercício da sua profissão e fora dela, porque o professor tem uma grande a responsabilidade educacional, uma vez que é ele que mantém contacto mais prolongado com o educando; respeitar os valores culturais, ideológicos, religiosos e morais dos alunos e das famílias; procurar entender os seus alunos; respeitar as diferenças de aptidões, bem como os diferentes ritmos de aprendizagem diversificando as metodologias de ensino, os recursos didáticos e os instrumentos de avaliação das aprendizagens; estabelecer modelos de trabalho de forma a criar hábitos de cooperação e entreajuda; valorizar capacidades, os saberes, os interesses, as experiências escolares e não escolares exteriores; considerar os interesses, as motivações e as necessidades individuais dos alunos; promover interação e a troca de experiências e saberes; promover a autonomia, a iniciativa individual e a participação nas atividades escolares; valorizar as produções e os trabalhos dos alunos; definir um clima favorável aos processos de desenvolvimento pessoal e social dos alunos; proteger os seus alunos de qualquer forma de agressão e/ou crueldade infligidas por terceiros ou pela própria família, assim como participar a quem de direito, situações de trabalho infantil e/ou abandono escolar precoce; participar em ações de iniciativa da comunidade que possam contribuir para a valorização da escola e da atividade docente; atuar em relação aos colegas com boa-fé, respeito, lealdade, solidariedade e cooperação; manter relações de parceria ativa com todos os técnicos que com ele integrem em equipas multidisciplinares; colaborar e incentivar ações com agentes da comunidade, privilegiando os parceiros sociais da educação.

Para que a educação seja realizada da melhor forma, o professor deve acreditar na educação. Contudo, há muitos professores que não creem na educação como órgão educacional e passam a considerar a sua atividade profissional como uma forma de “ganhar” a vida, sem ânimo e amor pela sua profissão.

Neste contexto, considero que o professor deve apresentar o gosto pelo ensino, a simpatia, interesse pela geração mais nova e o desejo de auxiliá-la nas suas lutas, nas suas dificuldades e receios. É importante que os professores construam e mantenham representações e expectativas positivas sobre a sua profissão e sobre as suas próprias capacidades de proporcionar boas relações pedagógicas. Parece-me também fundamental que os professores procurem construir representações positivas sobre as capacidades dos seus alunos.

Além disso, o professor também deverá ter sempre em atenção ao que se passa na sala de aula; ter capacidade de gerir mais do que uma situação de aprendizagem em simultâneo; explicitar as regras e promover a cooperação para o bom funcionamento da aula, de forma a assegurar a ordem e a disciplina necessária para o trabalho a desempenhar; aproveitar convenientemente o tempo, levando os alunos a um melhor rendimento escolar e providenciar os melhores materiais de estudo para os seus alunos.

No entanto, o professor ao longo do seu percurso, deve pensar em si mesmo e compreender a verdadeira função da sua existência na vida dos seus alunos, porque o professor é um indivíduo que tem os seus próprios valores, os seus ideais, projetos e sonhos, mas que vive intensamente para a sua profissão e é um dos protagonistas da história de vida de muitos alunos, pois estão diariamente em contacto, e por isso, faz parte das suas vidas.

Por todos estes motivos, compreendemos que a profissão docente é uma das mais importantes profissões que existe e a sociedade não pode subsistir sem professores. Uma vez mais, é de referir que o professor é a peça fundamental e insubstituível na ação educativa, portanto, não há nada que o possa substituir.

António Nóvoa corrobora no seu debate “Desafios do trabalho do professor no mundo contemporâneo”, defende que

...nada substitui um bom professor. Nada substitui o bom senso, a capacidade de incentivo e de motivação que só os bons professores conseguem despertar. Nada substitui o encontro humano, a importância do diálogo, a vontade de aprender que só os bons professores conseguem promover. (NÓVOA, 2007: 18)

Contudo, os professores atualmente não vivem a melhor situação profissional e fazem bastantes críticas acerca da sua profissão devido a vários fatores, como por

exemplo, o salário, a carreira, as condições precárias de trabalho, a instabilidade da sua profissão, e a falta de valor e prestígio social, que têm como consequência vários problemas no ensino e a falta de perspectivas futuras de muitos professores.

Nesta linha, António Nóvoa afirma que

os professores nunca viram o seu conhecimento específico devidamente reconhecido. Mesmo quando se insiste na importância da sua missão, a tendência é sempre para considerar que lhes basta dominarem bem a matéria que ensinam e possuem um certo jeito para comunicar e para lidar com os alunos. O resto é dispensável. Tais proposições conduzem, inevitavelmente, ao desprestígio da profissão, cujo saber não tem qualquer “valor de troca” no mercado académico e universitário. (...) A mais complexa das atividades profissionais é, assim, reduzida ao estatuto de coisa simples e natural. (NÓVOA, 2002: 22)

Porém, os alunos não têm culpa deste conjunto de situações, e por isso, não devem ser penalizados pela falta de trabalho, empenho e dedicação de alguns professores, porque esta não é a atitude correta para resolver o problema.

George Steiner defende que

o nosso ofício de professor, qualquer que seja o nível, pode ser esgotante, dececionante. Pode trazer um terrível azedume, mas há uma recompensa suprema, que é achar o aluno muito mais dotado que ele próprio, que vai avançar muita para além dele próprio, que talvez vá criar a obra que um próximo professor vai ensinar. (...) Isso, juro-lhe, é uma recompensa infinita. É uma vocação absoluta ser professor. (...) talvez seja a profissão mais orgulhosa e, ao mesmo tempo, a mais humilde que existe. (STEINER, 2005: 108)

2.2. O professor como educador

Normalmente, os pais entregavam os filhos às escolas, pois consideravam que a educação formal era um domínio dos professores, pertencendo aos pais somente o sustento dos filhos e a transmissão de um conjunto de valores familiares que se caracterizavam pelas relações de cortesia, o respeito pelas autoridades e a observância das regras. Esta dualidade, esta diferenciação de papéis, entre os pais e os professores funcionava razoavelmente, até ao momento em que decorreu uma mudança na sociedade quando essa distinção deixou de dar resposta às condições e aos problemas colocados pelos estudantes, que se tornaram numa população cada vez mais heterogénea do ponto de vista social, cultural e étnico.

Por conseguinte, os professores verificaram que muitos alunos chegavam à escola desprovidos de um quadro de valores básicos que assegurasse os limites das regras de comportamento e das relações de cortesia. A partir de então, as escolas foram acolhendo cada vez mais alunos privados de civilidade, exigindo aos professores a responsabilidade de ensinarem noções de educação e de transmitirem um conjunto de valores e regras para viverem em comunidade.

Desta forma, os professores começaram a ser pressionados para assumirem novos papéis e novas funções na carreira docente.

Como afirma José M. Esteve,

há um autêntico processo histórico de aumento das exigências que se fazem ao professor, pedindo-lhe que assuma um número cada vez maior de responsabilidades. No momento atual, o professor não pode afirmar que a sua tarefa se reduz apenas ao domínio cognitivo. Para além de saber a matéria que leciona, pede-se ao professor que seja facilitador da aprendizagem, pedagogo eficaz, organizador do trabalho de grupo, e que, para além do ensino, cuide do equilíbrio psicológico e afetivo dos alunos, da integração social e da educação sexual, etc... (ESTEVE, 1995: 100)

Atualmente, o professor é convidado a desempenhar cada vez mais funções de acordo com as exigências dos estudantes, ou seja, além das funções tradicionais (expor conhecimentos, transmitir informações, dar instruções, demonstrar, exemplificar,

corrigir e avaliar), a sociedade tem vindo a exigir do professor um significativo alargamento das funções educativas.

O aumento das exigências aos professores resultou numa enorme confusão a respeito da caracterização da profissão e das competências que necessita para exercer a função docente e obrigou a alterar o seu papel de transmissor de conhecimentos, para dar lugar ao professor-educador, um facilitador de aprendizagem e orientador do trabalho dos alunos para a integração na sociedade, educando-os a serem cidadãos autónomos, livres e responsáveis. Desta forma, a escola passou a ter maiores responsabilidades educativas, relativamente à transmissão de valores e regras para a convivência numa sociedade que se tornou cada vez mais multicultural sem conseguir ser intercultural.

Os estudantes mais desfavorecidos sob o ponto de vista social devem poder usufruir de uma igualdade de oportunidades e é através do professor que os estudantes se podem concretizar, contribuindo para uma construção da identidade pessoal e social dos jovens que permita compreender o mundo em que vivem, integrar-se nele e participar criticamente na sua construção e transformação para uma sociedade melhor. Assim, o professor deve estimular o gosto pela leitura e pela escrita, através do estudo e de um maior conhecimento, desenvolveram a criatividade, abrindo novas perspetivas sobre o mundo e sobre eles mesmos.

Esta abordagem pedagógica é centralizada nos alunos, com o objetivo de proporcionar novos horizontes, novos conhecimentos, destrezas e atitudes que lhe permitam viver o futuro. Apesar de respeitar o direito às diferenças culturais, étnicas, sociais, o professor deve fazer imergir um valor maior, que é o direito à igualdade de oportunidades na procura do saber, mesmo quando se trata de alunos socialmente desfavorecidos.

Frequentemente, o professor encontra um grande número de alunos que receberam a educação básica em diferentes modelos de socialização, diferentes culturas e línguas maternas. Como tal, o professor deverá diversificar a sua metodologia de trabalho de acordo com as necessidades dos alunos, configurando a função docente.

O educador é um profissional da educação que precisa de ter um amplo raio de visão sobre as realidades humanas e sociais do seu tempo, para projetar sobre elas a sua atuação educativa.

A função docente direcionou-se para uma ação pedagógica da formação da personalidade, da formação de carácter, do apuramento da sensibilidade, da inteligência,

da autonomia, de um enquadramento social, através de uma transmissão de valores e atitudes por parte do professor a fim de desenvolverem os mais novos enquanto pessoas responsáveis, futuros cidadãos e trabalhadores.

Porém, esta dimensão educativa do trabalho docente é uma das grandes questões que persiste no sistema educativo e a que me proponho refletir neste presente relatório.

Por todos estes motivos, é importante repensar sobre a nova função docente, isto é, se o professor é um instrutor e deverá unicamente privilegiar a aprendizagem dos seus alunos através da transmissão de conhecimentos ou se deverá ser considerado como um educador, ou seja, para além de ensinar a matéria, se educa para o desenvolvimento pessoal e social, se é um orientador e formador de personalidades, e também, se tem uma relação afetiva com os seus alunos atendendo às suas necessidades. Sobre esta problemática, existe uma diversidade de opiniões. Alguns investigadores da área da educação afirmam que professor e educador não têm a mesma função e que o professor deverá apenas ensinar, no entanto, outros investigadores defendem que o professor é e nunca deixará de ser um educador.

Gameiro, sintetiza pertinentemente e defende que

vem, com frequência à baila, a discussão se à distinção entre professor e educador, se o professor também é um educador, e se é a mesma coisa educar, formar e instruir. Alguns autores não só distinguem mas separam e chegam assim à ação educativa incoerente. É esta separação, sem dúvida, uma das maiores deficiências da ação educativa dos últimos tempos em que se tem ministrado volumes enormes de conhecimentos intelectualizados, mas quase sem influência efetiva sobre a vida dos educandos. A juventude moderna mostra-o na sua contestação da educação enquanto «empanturramento» intelectual. Por vezes acontece mesmo que os conhecimentos dados na instrução são desligados, incoerentes e contraditórios não só em relação aos outros professores (o que em parte é inevitável) mas em relação às próprias convicções e vida de cada professor-educador. Por nós, julgamos que todos os agentes da educação, seja formadores, seja professores, devem exercer uma influência educativa.
(GAMEIRO, 1974: 84)

Considero que o professor não instrui apenas os alunos desenvolvendo neles estruturas mentais definidas, mas também os educa, formando neles bons hábitos, atitudes saudáveis e ideais superiores, enriquecendo e vitalizando a sua personalidade, abrindo-lhes novos horizontes e novas possibilidades de vida e de trabalho.

Os professores têm uma presença cada vez mais ativa no terreno educacional, e como tal, é preciso que os profissionais da educação estejam dispostos a mudar os paradigmas, ou seja, mudar a nossa compreensão e a nossa ação diante da realidade social. Desta forma, podemos considerar que o papel do professor vai para além da docência.

Os alunos veem o professor como um modelo, não apenas na sua área de trabalho que desempenha na escola, mas através da sua postura ética, moral e social. O professor é um modelo de referência para as crianças e jovens. Como tal, é necessário que haja um equilíbrio entre a função de transmitir o conhecimento com a função de ser uma referência de valores e atitudes para as crianças e jovens adolescentes. Todo o seu comportamento, os seus atos e opiniões são observados porque têm uma repercussão social, e por isso, é exigido uma postura exemplar. Pode-se afirmar que o professor é um representante da família porque continua a desenvolver a educação iniciada pelos pais e um representante da sociedade na educação das gerações futuras.

Assim, considero que os principais modelos das crianças são a sua família e os professores, pois são adultos com quem mais interagem no quotidiano. É óbvio que o professor deve estar bem ciente do seu papel como modelo e deve saber doseá-lo, porque há sempre o risco do conjunto dos valores que regem um determinado professor serem diferentes do meio familiar ou da sociedade onde a criança está inserida. Nesta situação, o professor deve persistir na conduta de valores e tentar equilibrar a transmissão tanto dos valores representados pela sociedade como pelos familiares.

Presentemente, o professor trabalha em outros âmbitos do espaço escolar, não somente na sala de aula. Cabe ao professor explorar as capacidades dos alunos através da utilização de recursos materiais e espaços extraescolares, diversificação das estratégias e a boa relação pedagógica com os alunos para uma plena educação.

O professor é considerado um agente educativo comprometido com o desenvolvimento pessoal e social dos educandos, e por isso, tem um papel muito importante como educador porque exerce uma enorme influência construtiva sobre os educandos, ajudando-os no seu crescimento enquanto seres humanos, no desenvolvimento da personalidade, do sentimento de responsabilidade, de atitudes de

sociabilidade e de respeito; do espírito de colaboração e de entreaajuda; e atributos de carácter moral como a honestidade, a lealdade, senso de verdade e de justiça, fazendo-os passar pela aprendizagem da liberdade, de tal modo que o ser educado possa integrar-se normalmente na comunidade dos seus semelhantes.

Um dos principais objetivos da ação educativa é o incentivo para o desenvolvimento da personalidade do educando, através da prática pedagógica do professor, da matéria de ensino e de situações do quotidiano, os alunos assimilam valores morais e sociais. Ora, a personalidade não é um produto uniforme e padronizado, porque varia de pessoa para pessoa, que evolui e se transforma de ano para ano em ritmo desigual, apresentando dificuldades, sensíveis alterações e exigindo um tratamento adequado que estimule o seu enriquecimento e favoreça o seu desenvolvimento e progressiva integração.

Neste sentido, Aires Gameiro defende que

ajudar uma personalidade a desenvolver-se integralmente é participar na tarefa humana mais compensadora. O educador sente-se atraído para ser testemunha e “parteiro” do desenvolvimento dos seus educandos. É um contacto com os aspetos mais nobres da vida: torna-se consciente e livre no bem. Viver a experiência de que esta ou aquela criança, este ou aquele adolescente, não se faria uma personalidade tão rica e tão equilibrada sem o seu contributo, é suficiente para fazer viver ao educador momentos de intensa criatividade, e, porque não, intensa e verdadeira alegria e felicidade. Assistir ao desenvolvimento das pessoas e participar nos seus esforços constitui a experiência humana mais fascinante e mais positivamente compensadora. (GAMEIRO, 1974: 82)

Os educadores devem encaminhar os alunos a saber conduzir-se, a saber colaborar, a saber adaptar-se e a saber cultivar-se. Assim, compete ao professor colocar os alunos em condições de escolher, de decidir por si próprio e de criar situações em que os alunos se possam determinar, tendo a consciência dos direitos e deveres que têm de ter para consigo e para com os outros.

Segundo Amaral Fontoura,

educador é aquele que, além de ensinar as matérias, cuida da personalidade do educando.” Contudo, (...) “a diferença entre professor e educador não deverá existir. Todo o professor deverá ser um educador. Quando a educação tiver atingido regular grau de perfeição, não haverá diferença entre professor e educador. (FONTOURA, 1971: 11-13)

Considero que o professor deve ser educador, mas para além do domínio dos conhecimentos, da aptidão de problematizar e explicar com clareza, de organizar a matéria e indicar as fontes de consulta, o educador deve ter sempre presente a realidade humana dos seus alunos, compreendendo as capacidades e as fragilidades, e ajudando-os a integrarem-se na sociedade. Todo o professor deve ser acima de tudo educador, a fim de guiar os seres que lhes são entregues a encontrarem o seu caminho e a orientar para a formação das gerações futuras, para que o ato de educar seja realizado com sucesso.

2.3. O ato educativo

O filósofo francês, Jean Paul Sartre defendia que “o homem é aquilo que ele faz”, ou seja, os caminhos, que percorremos ao longo da vida, as fases mais significativas do nosso percurso é o que desenvolve o ser humano. Contudo, para aquilo que uma pessoa se torna ao longo da vida é necessário que hajam oportunidades, pois cada um é fruto das oportunidades que teve, e também das escolhas que fez e que determinam a trajetória pessoal. Fazer escolhas, tomar decisões e definir o rumo da nossa própria existência não é uma tarefa fácil para as crianças e jovens, e por isso, precisam do auxílio de uma pessoa mais madura e responsável, como um familiar ou um professor, que ajude a orientar, a encontrar o melhor caminho e ajude a fazer as escolhas certas, a vigiar ou a corrigir o comportamento menos adequado e oportuno pois não têm a consciência que todas as nossas ações fazem-nos ser o que somos.

Uma vez mais, compreendemos que para além da família, o professor tem um papel importante na orientação dos seus alunos, na construção da identidade e principalmente da personalidade.

Segundo Quintana Cabanas,

o ato educativo é o exercício concreto da educação. É, por conseguinte, a confluência da atuação do educador com a reação do educando, tendo como consequência o acesso deste a um nível de maior perfeição pessoal.
(CABANAS, 2002: 60)

Para o ato de educar é necessário um saber e este tem a ver com a experiência de amar. Considero que o ato educativo é verdadeiramente um ato de amor. O educador tem que sentir amor pela sua profissão e pelos seus educandos. Só através do sentimento de amor é que a educação se completa.

Por conseguinte,

dar tudo e dar-se todo é amar. E amar desta maneira é educar, se entendermos a conjugação dos dois verbos como processo de criar as melhores condições para que todos os seres humanos cresçam e se desenvolvam em todas as suas dimensões no sentido de procurarem atingir a pela realização. (CARVALHO, 2006: 334)

Em todo o ato educativo, existe uma reciprocidade essencial. O professor tem o gesto de dar o conhecimento e cabe ao aluno ter o gesto de o receber. Cada um tem a sua posição, mas existe e é absolutamente necessária a proximidade entre estes dois elementos.

Neste sentido, João Boavida defende que

o ato educativo é a capacidade relacional entre alguém que é suposto transmitir um conhecimento ou uma formação, em princípio o professor, e alguém que a deve receber, o aluno. Nestes termos o ato educativo é uma relação dinâmica e interdependente dos dois elementos mediante uma matéria. (BOAVIDA, 1991: 305)

O ato educativo é uma ação em que o educador e o educando nunca estão separados, e ocorre entre eles uma dinâmica básica por intermédio de uma mensagem, que faz com que sejam emissor e recetor.

A vontade inata dos educandos em transgredir, em ultrapassar limites, faz com que seja necessária a intervenção de um adulto. Assim, o educador deve assumir uma

autoridade enquanto responsável pelo mundo, e por isso, responsável pelo educando. Logo, o professor é responsável não só pela transmissão de conhecimentos mas também é responsável pelo próprio aluno.

Durante o ato educativo, ocorrem, muitas vezes, atos de indisciplina que prejudicam o ensino e a aprendizagem, e constituem uma das principais causas do mal-estar da profissão docente. Os professores devem conquistar o reconhecimento e respeito dos alunos pela sua competência científica e pedagógica, e não apenas pelo seu estatuto profissional. É através do modo como exercem a sua autoridade que influenciam o comportamento dos alunos. Portanto, o ato educativo não é exercido por processos autoritários mas pela liderança do professor e pelo respeito mútuo que brota entre este e o aluno.

O professor deve equilibrar as tarefas propostas aos alunos, de acordo com a idade, a cultura, a experiência, os interesses e as capacidades dos alunos. A autonomia dos alunos no processo de aprendizagem é um dos objetivos essenciais da educação, pois cada aluno deve construir o seu próprio método de trabalho e ser autónomo, preparando-se para enfrentar os desafios e as exigências da vida futura.

A profissão docente não pode ser realizada sem otimismo. O professor deve acreditar nas suas competências e nas capacidades dos alunos para aprender. O professor deve proporcionar um ensino motivador, que permita a construção da aprendizagem dos alunos e que transforme o saber em saber-fazer. Assim, como referi anteriormente, os professores despertam o desejo de aprender e a vontade de estudar.

Para reforçar a motivação e promover uma maior aprendizagem, é necessária uma boa comunicação entre o professor e os alunos e dos alunos entre si. Uma das melhores estratégias de comunicação na sala de aula é o diálogo. Durante a exposição oral, o professor deve falar com entusiasmo e manter o contacto visual com os seus alunos. A linguagem de um professor tem de ser rigorosa, tecnicamente adequada à matéria, clara e acessível aos alunos.

O uso dos recursos didáticos tem uma enorme importância na atividade educativa, por isso, o professor deve utilizar um conjunto de recursos variados, de acordo com a matéria que está a lecionar. Os recursos de multimédia são bastante apreciados pelos alunos e são uma mais-valia para motivação dos alunos e reforçar as mensagens do professor.

Apesar da preocupação de lecionar a aula, o professor deve ter a preocupação de criar um clima de proximidade com os seus alunos, porque cada um apresenta

características muitas vezes despercebidas que são fundamentais para a aprendizagem e também deve ter em atenção as dificuldades que o educando demonstra de forma a auxiliá-lo para colmatar as suas fraquezas e estimular os seus pontos fortes. Assim, criar na sala de aula um ambiente de confiança, respeito, tranquilidade e liberdade para que o aluno possa participar de forma ativa, pois a educação realiza-se através da participação, porque o aluno não pode ser apenas um mero espectador. Através da participação ativa dos alunos possibilita a iniciativa, uma vez que podem manifestar opiniões próprias e apresentar conceitos ou experiências; responsabilidade sobre as decisões e escolhas que fazem; e cooperação com os restantes colegas de turma.

Por sua vez, Elza Mesquita afirma que

... para se estabelecerem relações de confiança entre professor e aluno torna-se necessário que demonstre afetividade, assumindo múltiplos papéis: «amigo; compreensivo; pai; mãe; advogado; juiz; polícia; faxineiro; companheiro; colega; irmão; prestativo; psicológico; conselheiro». Todos estes papéis atribuídos ao professor desenvolvem-se pela «necessidade de aproximação» com «alguém que precisa» do professor «para apoiar, para ensinar, para ser amigo». Reconhece-se a importância da afetividade como um meio de «ajudar os alunos nos seus problemas e nas suas dificuldades». (...) É no exercício dos diferentes papéis que o professor constrói com os seus alunos um clima de cumplicidade e de segurança na qual deverá «existir sempre uma relação de afetividade». (MESQUITA, 2011: 95)

2.4. Valores e educação

O ser humano é um ser dotado de capacidades como pensar, sentir, imaginar, perceber, escolher e decidir. Numa outra perspetiva, podemos dizer que cada um de nós possui uma personalidade ou identidade própria, que determina as preferências e os valores por que se rege. A educação e a cultura podem ser exemplos de fatores que condicionam o modo como cada um é e lhes conferem uma forma própria de se situar no mundo, de encarar os acontecimentos e de os valorizar. Contudo, o ser humano

relaciona-se com o outro, e por isso, está integrado numa sociedade que dispõe de regras, padrões e valores.

O ser humano tem, desde sempre, a capacidade de atribuir valores às coisas. Porém, na perspetiva filosófica, o valor não se refere a coisas materiais. O significado de valor ultrapassa essa interpretação vulgar e materialista. Os valores são representações ideais que possuímos e que justificam as nossas escolhas. Os valores não são uma realidade objetiva, mas representações mentais, ou seja, são representações subjetivas.

Segundo Johannes Hessen,

o conceito de 'valor' não pode rigorosamente definir-se. Pertence ao número daqueles conceitos supremos, como os de 'ser', 'existência', etc., que não admitem definição. Tudo o que pode fazer-se a respeito deles é simplesmente tentar uma clarificação ou mostração do seu conteúdo. (...) Quando pronunciamos a palavra 'valor' podemos com ela querer significar: a vivência de um valor; a qualidade de valor de uma coisa; ou a própria ideia de valor em si mesma. (HESSEN, 1967: 37-38)

O valor é sempre valor para alguém, isto é, o valor está sempre referido a um sujeito. Um valor é a compreensão, por um sujeito, da qualidade de um objeto. Contudo, a qualidade não é própria ao objeto. É o valor que liga a relação que existe entre o sujeito e o objeto. Por exemplo, quando afirmo que a minha mesa é útil e bela, atribuo a esse objeto algo que apenas adquire realidade na sua relação comigo. É através de uma relação com o ser humano, que os objetos, as circunstâncias e os factos adquirem uma realidade de natureza diferente, isto é, tornam-se úteis, belos, agradáveis, desejáveis, ou os seus opostos, inúteis, horríveis, indesejáveis.

O conceito de valor abarca conteúdos e significados diferentes consoante a perspetiva ou teoria que se considere. Uma das preocupações da filosofia tem sido investigar a natureza dos valores. Na perspetiva subjetiva dos valores (subjetivismo), os valores reduzem-se às preferências valorativas dos indivíduos ou das comunidades, ou seja, não existem em si mesmos, e por isso, são relativos. Na perspetiva objetiva dos valores (objetivismo), os valores são independentes dos sujeitos que os preferem ou desejam. Por exemplo, se todos nós fôssemos injustos, a justiça continuaria a ser, em si mesma, um valor.

É importante que os alunos compreendam que os valores orientam a nossa vida e influenciam as nossas decisões, determinando o que pensamos acerca do que é melhor ou pior. Quando atribuímos um valor, pensamos nos sentimentos que leva a rejeitar uns e a preferir outros, e nunca permanecer neutros. Esta adesão ou repulsa face às coisas e situações significa atribuir-lhes um valor, ou seja, valorá-las.

Valorar é reconhecer algo valioso; atribuir valor a algo; emitir um juízo de valor sobre algo. Valorar é reconhecer

alguma coisa como valiosa, no sentido de sermos nós a atribuir-lhe um valor, julgando e apreciando, emitindo «um juízo de valor». (...) Valoramos as mais diferentes coisas. O nosso valorar recai sobre todos os objetos possíveis: água, pão, vestuário, saúde, livros, homens, opiniões, atos. Tudo isto é objeto das nossas valorações. Isto é: os nossos «juízos de valor» ora são positivos, ora negativos; umas coisas parecem-nos valiosas, outras desvaliosas. (HESSEN, 1967: 40)

Valoramos em função de inúmeros fatores, como a necessidade e desejos; interesses pessoais e circunstâncias; idade e educação; crenças religiosas e conhecimentos científicos; época e cultura; etc.

Designamos por atitude valorativa ou comportamento preferencial, aquele que encara o real, não do ponto de vista do ser, mas do ponto de vista do dever ser, isto é, do valor, o que significa que deixamos de olhar para as coisas como simples factos para passarmos a vê-las como portadores de valores.

Tudo atinge a nossa sensibilidade, pelo que não podemos ficar indiferentes perante aquilo que nos rodeia. As coisas surgem-nos como algo desejável ou indesejável, como algo atrativo ou repelente, como algo que aprovamos ou desaprovamos.

Ao assumirmos uma atitude valorativa, estamos a fazer um juízo de valor e somos obrigados assim, a estabelecer uma hierarquia de valores. Os valores estão ordenados e organizados em escalas de acordo com a sua importância relativa. Consideramos que há valores superiores e valores inferiores.

Consequentemente,

podemos distinguir níveis segundo os valores e construir uma ciência dos valores, uma axiologia. A hierarquia mais simples separa os valores sensíveis, o agradável; os valores psicológicos, o são; e os valores técnicos, o útil. Acima destes situam-se os valores espirituais, que podemos separar em lógicos, estéticos e éticos: o verdadeiro, o belo, o bem. Finalmente falamos de valores políticos, a justiça e a paz, e de valores religiosos, o divino e o sagrado. (GIULIANI, 2000: 129)

Assim, o ser humano pode preferir o bem ao belo e a justiça à utilidade, tal como uma comunidade pode valorizar mais a honestidade do que o sucesso, a liberdade do que a riqueza. É por esta razão que caracterizamos uma escala de valores de uma pessoa ou de uma sociedade. Porém, toda a escala de valores é sempre bipolar, isto é, a um valor positivo corresponde sempre um valor negativo. Todo o valor transporta em si mesmo um contravalor. Por exemplo, à justiça se opõe à injustiça, à verdade a falsidade, à beleza a fealdade.

A nossa relação com o mundo é em grande medida valorativa, pois avaliamos constantemente os mais variados aspetos do mundo à nossa volta e selecionamos aqueles a que damos mais valor. São os valores que conduzem em parte as nossas preferências.

Por vezes, os nossos valores parecem-nos tão importantes que julgamos que todos deveriam aceitá-los, e por vezes, também só pensamos em alguns valores quando nos confrontamos com outras culturas que têm valores diferentes dos nossos. Assim, reconhecemos que muitas preferências valorativas variam em função da pessoa, do grupo social e da cultura. Com efeito, os valores estão sujeitos à evolução histórica das sociedades.

Como referi anteriormente, os valores exprimem as nossas escalas de preferências, porém, estas escolhas são resultado da educação e da sociedade em que vivemos, portanto, exprimem a nossa cultura.

Desta forma, não podemos apenas contemplar passivamente o mundo que nos rodeia, mas sim agir e participar, comprometermo-nos de acordo com as preferências, desejando e repudiando em função de valores que, de forma geral, são sentidos como algo de bom ou de mau. As coisas e os acontecimentos deixam de ser o que são para passarem a ser o que valem para cada ser humano. Pode dizer-se, que as nossas escolhas

e valorações são estritamente pessoais, sendo o reflexo das nossas necessidades, gostos e aspirações de cada um.

Ao longo de vários anos, o papel do professor sofreu inúmeras mudanças devido às exigências que têm surgido na profissão que o caminham, por vezes, a sobrevalorizar o aumento intelectual dos alunos, dando prioridade aos conteúdos programáticos e aos resultados, desvalorizando os processos educativos e a relação com os alunos. No entanto, o professor detém de um conjunto de valores que não podem ser evitados no ensino, e por isso, deve integrar na aprendizagem dos alunos através de atividades educacionais (histórias, vídeos, imagens, pinturas, jogos lúdicos ou reflexão sobre acontecimentos e problemas do quotidiano, dilemas éticos, etc.), de regras utilizadas na sala de aula e no espaço escolar, e pelas relações entre as pessoas, de forma a transmitir às crianças uma hierarquia de valores. Assim, podemos afirmar que a educação para os valores realiza-se em todos os momentos.

Por conseguinte, o processo de aquisição de valores é uma função do professor-educador. Maria Teresa Estrela defende que

os professores não podem deixar de transmitir valores, seja de modo direto, seja de modo indireto, criando intencionalmente ou não as situações que levam os alunos a experienciar valores e não esquecendo que as regras da aula veiculam valores (respeito, ordem, obediência, colaboração...). Mesmo quando pretendem não ser mais do que aqueles que ensinam os conteúdos consignados nos programas, a maneira como o fazem não deixa de transmitir valores que podem influenciar os seus alunos.

O que varia são as estratégias que os professores utilizam para uma educação axiológica. Enquanto que há professores que preferem estratégias centradas na reflexão/debate de problemas éticos quando os conteúdos ensinados ou os acontecimentos na turma o propiciam, outros apostam mais na ação, promovendo trabalhos de projeto, criando oportunidades de cooperação. O estabelecimento participado de regras, veiculadoras de valores e a criação de uma relação afetiva que facilite a adesão aos valores são estratégias que os professores dizem adotar frequentemente. (ESTRELA, 2010: 97)

É evidente que o professor não deve impor seus próprios valores, mas deve apresentar os seus princípios em que acredita, solicitando aos alunos que escolham de forma autónoma os seus próprios valores.

Mas, Quintana Cabanas defende que

é muito difícil educar um indivíduo sem influenciá-lo: no limite, diríamos que é impossível. E, não obstante, tal é o ideal, se se trata de educar bem. Por isso, todo o educador consciente, sobretudo nos campos comprometidos da educação política, moral, religiosa e estética, tem que procurar não “marcar” os seus alunos com a sua própria marca pessoal, mas sim apenas capacitá-los para que saibam aceder por si mesmos ao mundo das ideias e dos valores. Mas como é utópico que alguma vez a pessoa já esteja madura para esta função e se trata de ajudá-la com a ação educadora, o educador corre sempre o risco de também dar algo de si ao seu educando. Como esta situação, por mais indesejável que seja, é inevitável... (CABANAS, 2002: 243)

Todavia, o educador deve encorajar as crianças e jovens a comportem-se de acordo com os valores que consideram importantes. Os professores que apenas se limitam a promover o diálogo na aula e a permitirem que cada aluno escolha livremente os seus valores, podem originar um relativismo ético e este não deve ser aceitável.

António Estanqueiro defende a transmissão de valores por parte do professor e afirma que

compete ao professor apontar caminhos. Não se educa com indiferença, como se tudo valesse o mesmo. (ESTANQUEIRO, 2010: 102)

No processo educativo, o professor deve começar apenas por chamar a atenção das crianças para aquilo que valorizam na sua vida, para aquilo que têm interesse, para os seus sentimentos, objetivos e gostos pessoais. Pode-se também dar incentivo a discussões baseadas em dilemas morais, onde se trabalhe os conceitos da amizade, da lealdade, da justiça, da honestidade, entre outros.

Finalmente, para além de ensinar o professor também deverá educar, transmitir conhecimentos e inculcar métodos, instrumentos de trabalho e alguns valores

fundamentais nos alunos. Esses valores podem ser, por exemplo, a dignidade, a compreensão, a honestidade, a partilha, o respeito pelo outro, a disciplina, a entereza, a responsabilidade, a solidariedade, a autenticidade, liberdade e amizade, a cooperação, o espírito de equipa, assim como desenvolver o espírito crítico, a reflexão, a criatividade e a curiosidade no ensino.

Como já referimos anteriormente, a escola é uma instituição que tem como objetivo principal preparar os educandos para a vida futura. É fundamental que os valores escolares coincidam com os valores familiares para que não haja uma rutura social e cultural.

O professor deverá autorizar a escolha individual e respeitar os valores familiares e culturais dos seus alunos.

Nas comunidades homogêneas em que os professores partilham os mesmos valores, linguagem e padrões culturais dos pais dos alunos, está garantida, à partida, a continuidade entre a escola e a família. Contudo, são cada vez mais as escolas em populações estudantis heterogêneas, nas quais os professores têm raízes culturais diferentes, provocando nos alunos, dificuldades de adaptação. (MARQUES, 2001: 21)

O educador é convidado a desempenhar um extraordinário papel na vida dos educandos porque é através da aprendizagem de valores que ocorre a formação do carácter. Não só transmite valores como também deve promover o desenvolvimento daqueles e preocupar-se com a ação moral das crianças e jovens. Assim, o educador colabora na criação hábitos morais nos educandos, com o objetivo de construir um futuro de esperança, com pessoas mais humanas, livres, responsáveis e solidárias.

2.5.A relação pedagógica

Anteriormente, na escola tradicional, a relação educativa caracterizava-se por um encontro neutro entre os professores e os alunos, na qual o professor sentia que tinha como única tarefa transmitir os conhecimentos. Porém, na ação educativa persiste a falta de uma mudança de mentalidades, comportamentos e ações de todos os elementos que constituem o sistema educativo, como condição indispensável para o desenvolvimento das potencialidades, aptidões e competências dos alunos, assim como a criatividade, a

iniciativa e o espírito crítico. Também fortalece a abertura pessoal para o contacto social e a estabilidade afetiva-emocional, mas para isso, o professor necessita de uma formação diferente valorizando, fundamentalmente, o desenvolvimento da personalidade para a realização integral do educando.

O professor deve ensinar a aprender e não transmitir unicamente os conhecimentos ou desenvolver apenas um certo número de competências, mas sim, executar uma ação pedagógica que visa a formação integral da personalidade, preparação da inteligência, desenvolvimento das sensibilidades e inserção social e profissional, com a finalidade de despertar nos alunos a criatividade, disciplinar o exercício das aptidões e valorizar as capacidades dando resposta aos projetos dos educandos. No entanto, estas características essenciais para o desenvolvimento do educando, realizam-se através de um bom ambiente de trabalho, pois não é possível educar a não ser num ambiente que inspire confiança mútua entre o educador e o educando, uma segurança, liberdade e harmonia afetiva, pois a afetividade é imprescindível para o desenvolvimento de todo o ser humano e à rentabilidade da aprendizagem escolar.

O bom relacionamento pedagógico caracteriza-se pela afetividade entre o professor e o aluno. Esta afetividade relacional concorre para uma maior autenticidade, humanidade e honestidade na ação educativa, e melhora as relações individuais entre professor-aluno e grupo turma.

A relação afetiva e interativa na sala de aula é um fator muito importante na ação educativa para a eficácia da aprendizagem dos alunos a partir da estimulação e motivação para o ensino; para a formação pessoal e social, e para o desenvolvimento e estruturação do carácter dos alunos, o modo de ser e agir de cada pessoa, pois sem este tipo de relação haverá desmotivação e maior dificuldade de promover o desenvolvimento do potencial intelectual, psicológico, afetivo e emocional dos educandos.

Todavia, para concretizar estes objetivos educacionais é necessário que o professor esteja disponível e que possua uma personalidade “jovem”, ativa, dinâmica, espontânea, autêntica, com iniciativa e criatividade no processo educativo e também uma capacidade motivadora e relacional. É impensável obter uma boa relação pedagógica através de uma atitude autoritária, dominadora e indiferente perante os seus alunos.

No âmbito da relação pedagógica, os alunos têm uma maior consciência da sua própria existência, com características e reações diferentes mas direitos e deveres iguais, que necessitam de aprender a viver em conjunto dentro e fora da comunidade escolar. Com efeito, a ação do professor deve centralizar-se no projeto de socialização e de desenvolvimento da identidade de cada aluno. O professor também é considerado como um educador, facilitador da aprendizagem e de sensibilidades.

O relacionamento para ser autêntico deve ter como fundamento a consideração pelo outro; estar pronto a aceitá-lo e a respeitá-lo na sua personalidade, aptidões e centros de interesse; ser para os outros o mesmo que desejaríamos que fossem para conosco e sentir o mundo do outro como se do nosso se tratasse.

A relação do professor e aluno é muito importante para a educação e convém salientar que os esforços para a criação de boas relações devem partir, fundamentalmente, do professor. Para poder realizar o papel de educador, o professor necessita de se aproximar e de procurar compreender os seus alunos com o objetivo de criar uma boa relação pedagógica. O aluno sente um ambiente de trabalho mais favorável se também encontrar no professor confiança nas suas capacidades e expectativas positivas perante os seus esforços de aprendizagem.

A disponibilidade é imprescindível, pois o professor deve estar sempre à disposição do aluno, isto é, estar sempre pronto a ouvi-los com interesse e atende-los ao primeiro sinal de pedido de ajuda.

O professor deve sentir algo para com o próximo, uma vontade enorme de ser útil e de ajudar o outro. Além disso, deve sentir uma certa simpatia e amizade pelo educando, estando disposto a ajudá-lo, pois não pode desempenhar o papel de educador se não sentir dentro de si a vontade e disposição a dedicar-se a outros.

Neste sentido, Mesquita defende que

...a disponibilidade pessoal é um fator facilitador da aprendizagem, que poderá contribuir para o sucesso educativo dos alunos. Estes, sentir-se-ão mais confiantes quando o professor «se disponibiliza [a] ajudá-[los], a ouvi-los, e a tentar que o seu futuro seja o melhor possível».

Considera-se ainda que «o saber ouvir, saber aceitar as opiniões dos alunos, pensar nelas, porque os alunos também têm ideias» é importante, devendo o professor «dar confiança, apoio» estar atento a tudo o que o rodeia, promovendo a aproximação para que os alunos se sintam «à

vontade para poder falar», estando disponível para respeitar a sua opinião, devendo «pedir ajuda e depois não se limitar a dizer vamos fazer». Esta disponibilidade não deverá ocorrer apenas «dentro da sala de aula mas sempre que for necessário» implicando que, na sua ação profissional, um professor tenha de «dar muito de si» tendo «de estar disponível 100%». (MESQUITA, 2011: 93)

É importante referir que o aluno não pode ser abandonado à sua sorte. Daí a necessidade de o professor se identificar como educador. Finalmente, não só ensinar mas também educar. Desta forma, o professor nunca poderá deixar os seus alunos, pois é o principal responsável pelo ensino e pela educação.

É fundamental estabelecer laços de simpatia e afeto para uma boa relação entre ambos e para o sucesso escolar. Logo, podemos afirmar que a relação pedagógica contribui para um maior êxito do trabalho escolar porque através desta proximidade o professor conhece e entende os seus alunos, elucida e auxilia nas incertezas e dificuldades, e programa conscientemente todas as etapas do seu trabalho, organizando o seu plano de trabalho e aplicando técnicas e metodologias, de forma a adaptar o ensino às reais capacidades e limitações dos alunos.

Ao conhecer os alunos, o professor faz um levantamento das condições e identifica as características, as carências e as dificuldades individuais, as qualidades e defeitos que apresentam, como por exemplo, imaturidade, poucas capacidades e falta de preparação para o ensino da matéria. Possuindo estes dados informativos, o professor está em melhores condições para orientar e educar os seus alunos.

Como refere Quintana Cabanas,

necessitamos, portanto, de um conhecimento exato do sujeito educando: a sua possibilidade e necessidade de ser educado, assim como a facilidade ou a dificuldade que a isso oferecerá e as limitações que apresentará. Esta informação sobre o sujeito (as suas circunstâncias pessoais de tipo psicológico, social e cultural) é também determinante do processo, para que saibamos o que podemos fazer com ele e, também, o que devemos fazer com ele: os fins educacionais (não fins “educativos”, como geralmente se diz) são função não apenas de exigências objetivas (ideais e sociais), mas também da natureza do sujeito, pois desta depende também o que

esperaremos dele e o que nos proporemos fazer com ele. (CABANAS, 2002: 61)

O professor que se aventura a ensinar sem um plano definido não está a honrar a sua profissão, a respeitar os seus alunos e a cumprir as suas responsabilidades enquanto docente, pois infelizmente, muitos professores causam danos no ensino pela falta de organização e execução do seu trabalho sem conceder a mínima importância às dificuldades e capacidades dos educandos.

Consequentemente, através de um ensino bem planificado e executado de acordo com os planos definidos, o professor demonstra uma maior segurança na sua prática docente através do seu saber e a sua experiência conquista a confiança e o respeito dos alunos.

Neste sentido, José Morgado defende que

a organização de processos educativos com sucesso passa pela construção de relações pedagógicas eficazes, não exclusivas, que contempla as diferenças nas competências, nos valores, nas experiências e nos interesses e necessidades de todos os elementos das comunidades educativas. (MORGADO, 1999: 9)

No entanto, a gestão da sala não se entende como um serviço de um conjunto de relações individuais, mas de uma cooperação de um grupo que deve estar envolvido no processo de ensino-aprendizagem. A boa relação pedagógica também contribui para a realização de uma aprendizagem em grupo, que se caracteriza por uma aprendizagem mais estimulante, dinâmica e interessante, que origina uma maior assimilação de conhecimentos ou aquisição de competências específicas; desenvolve nos alunos o espírito de colaboração, o hábito de trabalhar em grupo para um propósito comum; desenvolve o senso de responsabilidade individual para com o grupo e desenvolve o espírito de tolerância, respeito mútuo e camaradagem entre os colegas de turma.

Convém não esquecer a importância da existência de um clima afetivo na sala de aula, pois contribui para o sucesso do trabalho educativo. António Nóvoa corrobora,

...a atividade docente caracteriza-se igualmente por uma grande complexidade do ponto de vista emocional. Os professores vivem num

espaço carregado de afetos, de sentimentos e de conflitos. Quantas vezes prefeririam não se envolver... Mas sabem que tal distanciamento seria a negação do seu próprio trabalho. (NÓVOA, 2002: 24)

Gameiro defende também que a

educação é a relação interpessoal ou influência exercida intencionalmente por uma pessoa (adulta) sobre outra, a fim de ajudar a desenvolver todas as potencialidades necessárias para atingir o seu fim de ser humano.” Partindo deste princípio, a educação “...nunca poderá ser reduzida a técnica pura. Terá que ser um encontro de duas pessoas. Exigirão sempre uma dimensão humana difícil de ser definida, que há de humanizar qualquer técnica. (GAMEIRO, 1974: 14-19)

Por outro lado, o professor nunca poderá auxiliar nas dificuldades, orientar e formar os adolescentes através do mau exemplo, do recurso à ameaça, da distância e de uma atitude marcada pela indiferença.

Por conseguinte,

dá-se negligência na utilização da relação pedagógica, e portanto, negligência profissional, quando o docente deixa de se envolver afetivamente com os seus alunos, quando ensina para se descarregar de um fardo sem interesse nem cuidado pessoal, sem sensibilidade nem empenho. (...) A demissão da relação pedagógica exprime-se quando o docente ou por medo, ou por preguiça ou por interesse deixa de atuar como docente fechando os olhos a comportamentos inaceitáveis dos alunos ou limitando artificialmente a sua área de intervenção profissional, como aqueles que dizem: só sou professor na sala de aula; fora da aula é com os contínuos ou com o conselho diretivo. Ou então, só sou professor para ensinar: a educação é com os pais, ou os psicólogos ou os diretores de turma; e deixa passar a criança a chorar no corredor sem lhe pôr a mão no ombro, ou observa os adolescentes drogar-se à porta da escola sem lhe dirigir a palavra, ou assiste impávido ao vandalismo das paredes sem intervir, ou

não participa na festa da distribuição de prémios no teatro da turma, na exposição da classe. (CUNHA, 1996: 95-96)

Desta forma, podemos considerar a relação educativa como uma interação entre o professor e o aluno, que implica uma aproximação, uma dimensão humana, social, cooperativa e comunitária entre estes dois elementos da educação.

Em suma, caracterizamos a relação pedagógica como um processo que deve ter como objetivo fundamental favorecer o desenvolvimento pessoal, moral e social do educando.

Capítulo III

3.1. O professor de Filosofia

A filosofia é uma atividade intelectual, própria daqueles que amam e procuram o saber. Essa atividade intelectual pode ser caracterizada como uma atitude filosófica do ser humano porque tem o interesse intelectual, interroga-se acerca das coisas e dos acontecimentos para os compreender ou lhes conferir um sentido. A filosofia é um modo de estar no mundo, ou seja, é uma forma espontânea e específica do homem se situar em relação ao que acontece à sua volta.

O professor de filosofia deve transmitir aos seus alunos a dimensão do pensamento filosófico, o sentido da reflexão, a curiosidade intelectual e o gosto pelo saber. Os temas/conteúdos a lecionar na disciplina de filosofia, permitem que o professor possa desenvolver um trabalho que promova a autonomia e a participação dos alunos.

O professor de filosofia não deve apenas dominar os conteúdos centrais da filosofia, citar textos, parafraseá-los e relacioná-los entre si, porque isso levaria a pensar erradamente que as competências centrais constituem uma simples compreensão desses conteúdos ou a sua repetição e memorização.

O ensino da filosofia caracteriza-se por ser uma forma de nos levar ao espanto, à estranheza e ao questionamento. Este ensino pode ser realizado a partir de textos filosóficos, contudo, é o professor de filosofia que deve escolher dentro dos diferentes

métodos e abordagens filosóficas, o melhor modo de introduzir os alunos no exercício do pensamento.

É essencial que o professor de filosofia esteja habituado ao tratamento filosófico de temas, que tenha contacto com textos filosóficos, que esteja atualizado sobre outros aspetos e que possa, desta forma, provocar o exercício do pensamento nos alunos.

Quando se fala do ensino da filosofia, deve-se ter em consideração a atitude do professor de filosofia como um elemento determinante em todo o processo de ensino e aprendizagem, desde o seu temperamento, a sua maturidade cultural e afetiva, isto é, a sua personalidade.

João Boavida afirma que

...a filosofia será para os alunos aquilo que for para o professor, ou aquilo que a personalidade do professor traduzir da ação que nele terá exercido a filosofia. (...) Está na sua mão, pelo menos em grande medida, que o ensino da filosofia seja, ou uma experiência enriquecedora que deixe nos alunos uma marca indelével e uma maturidade e capacidade acrescidas, ou que não passe de mais um amontoado de conhecimentos ou referências culturais sem grande sentido nem forma, que o aluno memoriza a contra gosto e depois esquece. (BOAVIDA, 1991: 13)

É, em grande medida, a atitude do professor de filosofia que faz com que os conteúdos a abordar se tornem interessantes e as aulas estimulantes, através de um bom relacionamento com os alunos, isto é, um relacionamento natural, aberto e cooperante.

O filosofar pode ser considerado como uma necessidade básica, na medida em que precisamos de lidar de maneira reflexiva os desafios e conflitos impostos pela vida, e contribuir para a potencialização das capacidades de pensar, tornando o pensar consciente de si mesmo, ou seja, aprende-se a pensar por si mesmo. Este aprender a pensar, além de articular conhecimentos oriundos de diversas áreas, leva a explorar o horizonte desconhecido e intrigante da condição humana. Isto só é possível quando se forma as capacidades de articulação, flexibilidade e autonomia do pensar e agir.

A filosofia é caracterizada pela autonomia, ou seja, é uma atividade livre, não se sujeitando a qualquer tipo de constrangimentos, a qualquer tipo de tutelas. Kantianamente ousar pensar por si, de forma autónoma, não significa obrigatoriamente mudar de ideias. Significa, simplesmente, aprofundar os nossos pontos de vista,

tentando dar-lhes uma consistência racional. Através da autonomia como uma especificidade filosófica da educação, desenvolve-se competências do pensamento crítico do aluno. O objetivo é que o aluno tenha autonomia para construir o seu próprio saber, para construir argumentos válidos acerca de si, do mundo e da sua circunstância, ao passo que as outras disciplinas dão-nos um saber já construído. Assim, a filosofia deve ser um espaço de construção do saber.

A educação filosófica procura compreender o papel fundamental da filosofia com o objetivo de uma formação integral do ser humano e potencializar as capacidades do pensamento autónomo pelo exercício da reflexão.

Considero de máxima importância envolver os alunos no tema dos direitos humanos, porque através deste tema terão uma maior consciencialização da realidade e serão inspirados para tomar medidas sobre estas questões na sua escola, na sua comunidade e na carreira profissional que irão exercer futuramente. É um tema geral do mundo contemporâneo, e como tal, propõe-se que o aluno analise o problema em causa, ganhe autonomia no ensino-aprendizagem, integre novos saberes e competências de investigação, no sentido de realizar um trabalho autónomo, desenvolvendo o sentido crítico e pessoal.

Nessa medida, podemos caracterizar a aula de filosofia como um lugar privilegiado de reflexão, de análise de teorias ou teses. Na aula podemos formular questões, enunciar corretamente o problema e analisar de forma intelectual e conceptual. O professor de filosofia deve ter a total atenção na interpretação do problema em discussão para que possa ser compreendido pelos alunos. Assim, irá originar no aluno uma atitude mais ativa sobre o tema abordado na aula.

Parte II – Apresentação de casos práticos

1. Descrição da escola e perfil dos alunos

1.1. Escola Secundária Daniel Faria, Baltar

Situada no centro da vila de Baltar, uma das vinte e quatro freguesias do Concelho de Paredes, a Escola Secundária Daniel Faria abrange a própria vila, as freguesias e as cidades mais próximas. Beneficia de um reconhecimento considerável na zona literal

norte, que advém do rigor profissional do seu corpo docente e não docente, da disciplina e competência académica exigida aos seus alunos ao longo de vários anos. Consequentemente, são alunos que veem de vários estabelecimentos de ensino básico que existem nas áreas circunvizinhas da escola secundária.

Devido à mudança das antigas instalações da Escola Secundária de Baltar para as atuais instalações, agora chamada Escola Secundária Daniel Faria – Baltar, originaram uma profunda reforma das estruturas físicas e as novas condições de acessibilidade, o surgimento de novos investimentos, a crescente qualificação dos recursos humanos e uma escola mais atenta aos interesses e necessidades locais desenvolveram a área educativa de Baltar.

Os espaços comuns destinados aos auxiliares educativos, professores e alunos, tais como: o gabinete de direção, a administração escolar, a sala dos diretores de turma, o centro de novas oportunidades de Baltar, a associação dos estudantes e o espaço de convívio dos alunos, como também, a biblioteca, a sala de estudo, a sala dos professores, a reprografia e papelaria, o bufete e o refeitório, as salas de aula, os laboratórios, o pavilhão gimnodesportivo, o campo de jogos, são amplos e funcionais, o que permitem o acesso de uma variedade de recursos e proporcionam um bom ambiente de trabalho e de estudo. Contudo, existem problemas de humidade, de saneamento e de infiltrações de água o que torna necessário a requalificação de alguns espaços. A falta de aquecimento central também não proporciona um ambiente acolhedor e favorável para o ensino. De igual modo, o nível das tecnologias de informação e de comunicação é limitada face ao número de estudantes que procura os meios informáticos. Porém, a existência de um computador e de um projetor multimédia em cada sala de aula permite aos docentes a escolha de um amplo leque de possibilidades para a dinamização das aulas utilizando novas metodologias no processo de ensino e aprendizagem.

Este bom ambiente escolar contribuiu para que no presente ano letivo a escola contasse com cerca de setecentos alunos no regime diurno, quarenta alunos no ensino noturno e ainda acolhe os formandos do Centro das Novas Oportunidades.

A oferta curricular da escola abrange o nível do terceiro ciclo e o nível do ensino secundário, direcionado a jovens e adultos. Para além dos cursos Científico-Humanístico de Ciências e Tecnologia; Científico-Humanístico de Línguas e Humanidades; e Científico-Humanístico de Ciências Socioeconómicas, a escola disponibiliza CEF's Tipo 2 e Tipo 3, e cursos profissionais.

Relativamente ao número de docentes, neste ano letivo, contou com noventa e cinco professores. Este corpo docente está distribuído pelos seguintes departamentos: Departamento de Línguas (Português, Francês e Inglês); Departamento de Ciências Sociais e Humanas (Economia e Contabilidade, História, Geografia, Filosofia e EMRC); Departamento de Matemática e Ciências Experimentais (Educação Tecnológica, Ciências Agropecuárias e Informática, Matemática, Física e Química e Biologia e Geologia); Departamento de Expressões (Artes Visuais e Educação Física). O corpo docente da escola é estável e experiente, e tem a missão de cumprir os objetivos consignados na Constituição da República Portuguesa, na Lei de Bases do Sistema Educativo e demais diplomas legais e regulamentares.

Segundo o Projeto Educativo da Escola Secundária Daniel Faria - Baltar,

torna-se cada vez mais imperioso investir numa educação cívica e de cidadania, em que educar é orientar, “formar” o carácter e a personalidade do aluno, no sentido de promover a sua autonomia. O sucesso educativo passa pelo desenvolvimento de um conjunto de competências científicas, humanísticas, ambientais, tecnológicas, artísticas, desportivas e de desenvolvimento pessoal. (2011-2014: 23)

A Escola Secundária Daniel Faria - Baltar é reconhecida como uma escola de referência no domínio da formação geral e específica dos seus alunos. Por sua vez, promove o aumento das competências e aptidões, a capacidade de raciocínio, a memória e o espírito crítico, a criatividade, o sentido moral e a sensibilidade estética dos educandos, de forma a desenvolver a realização individual em harmonia com os valores da solidariedade social.

1.2. As turmas 11º A de Filosofia e 2-MP de Área de Integração

Ao longo do meu estágio pedagógico, trabalhei com duas turmas: a turma 11º A de Filosofia do curso Científico-Humanístico de Ciências e Tecnologias, e a turma 2 M-P de Área de Integração do curso Profissional de Técnico de Multimédia.

A turma do décimo primeiro ano (11º A) era composta por vinte e três alunos, com idades compreendidas entre os quinze e os dezassete anos, sendo formada maioritariamente por alunos com dezasseis anos de idade. É de assinalar que são alunos

com imensas capacidades e possuem um espírito de entreajuda. Participam e realizam todas as tarefas propostas pelos professores e são alunos interessados.

Por sua vez, a turma do décimo primeiro ano (2 M-P) é composta por vinte alunos, entre os dezasseis e os dezassete anos de idade. Podemos encontrar nesta turma alguns alunos com dificuldades de aprendizagem e algumas falhas no desenvolvimento da formação pessoal e social, contudo, é uma turma interessada e revelam um bom espírito de trabalho em equipa.

2. Projeto Investigação-Ação

2.1. Etapas do projeto

O projeto desenvolveu-se em duas etapas:

- 1ª Etapa: Realização de uma atividade por toda a comunidade escolar sobre dilemas éticos.

- 2ª Etapa: Entrevistas aos professores do ensino secundário da Escola Secundária Daniel Faria.

Todas as etapas se desenvolveram no terceiro período. A primeira etapa realizou-se no início do terceiro período e a segunda etapa realizou-se depois dos professores estagiários terem lecionado as aulas previstas nas diferentes turmas. Na minha investigação-ação, procurei reunir as melhores condições para a realização do projeto, tentando que a minha ação não pusesse em causa o trabalho do meu orientador, o professor Fernando Macedo, e do meu colega de estágio Tiago Pereira.

2.1.1. Primeira etapa – Atividade “Dilemas Éticos”

No dia 9 de abril de dois mil e treze, demos início à atividade “Dilemas Éticos” que se realizou na Escola Secundária Daniel Faria. A atividade foi destinada a todos os alunos da Escola Secundária Daniel Faria e caracterizava-se pela exposição e realização de dilemas éticos pelos alunos da comunidade escolar.

Na escola foi exposto à entrada da biblioteca um placar com um conjunto de dilemas éticos. (ver anexo 2) A atividade consistia em responder às perguntas que estavam identificadas depois da descrição do dilema e introduzir na caixa. Os alunos podiam, se assim desejassem, responder a vários dilemas. Contudo, as respostas deveriam estar devidamente identificadas pelo nome, ano de escolaridade e turma, para poderem participar.

Esta atividade tinha como objetivos:

- 1) Contribuir para a formação pessoal e social dos alunos;
- 2) Desenvolver a autonomia do pensamento e a atitude crítica;
- 3) Desenvolver a educação para os valores;
- 4) Promover o desenvolvimento do raciocínio moral;
- 5) Aplicar a prática dos saberes teóricos;
- 6) Promover a realização de escolhas individuais conscientes e responsáveis em situações dilemáticas;
- 7) Motivar a comunidade escolar para a importância da atitude filosófica;
- 8) Assumir uma postura crítica e responsável perante os desafios da sociedade contemporânea.

Escolhemos esta atividade para realizar no ano em que realizámos o estágio pedagógico porque consideramos que se tratava de uma atividade interessante, que proporciona aos alunos o confronto com situações que exigem uma autonomia do pensamento e uma atitude e posicionamento crítica sobre vários cenários que envolvem decisões éticas.

Para além de fazer parte da matéria do 10º ano de Filosofia, no Módulo 4: A Dimensão Ético-Política: análise e compreensão da experiência convivencial, estes exercícios também são importantes porque ajudam os adolescentes a prepararem-se para enfrentar possíveis dilemas ao longo das suas vidas.

Os dilemas morais são problemas hipotéticos ou reais que implicam um conflito entre direitos, responsabilidades ou objetivos e pontos de vista diferentes. Também são caracterizadas como situações para as quais existem soluções certas ou erradas.

A apresentação dos dilemas morais deve ser seguida de um conjunto de questões, que têm como objetivo explorar as razões que estão por detrás das opiniões dos alunos e que revelam a sua compreensão sobre determinadas questões; o seu raciocínio sobre os motivos, as intenções, interesses e emoções das personagens envolvidas na situação.

A mesma atividade pode ser realizada na sala de aula, tornando a aula de filosofia como um lugar de reflexão, de análise de teorias ou teses. Na aula podemos formular questões, enunciar corretamente o problema e analisar de forma intelectual e conceptual. O professor de filosofia deve ter a total atenção na interpretação do problema em discussão para que possa ser compreendido pelos alunos, deve assumir uma inteira neutralidade, isto é, não deve fazer julgamentos ou avaliações dos argumentos dos alunos, mas apenas incentivar a reflexão, dando-lhes o direito e a liberdade para terem as suas próprias opiniões. Assim, irá originar no aluno uma atitude mais ativa sobre o tema abordado na aula.

As discussões em grupo também são uma boa forma de refletir sobre os problemas, de forma a aprofundá-los, procurando as respostas ou soluções que os alunos considerem mais adequadas.

Segundo Bártolo Paiva Campos, o desenvolvimento do pensamento refletivo

pode ser conseguido através da referência a múltiplas perspetivas, a múltiplas respostas às diferentes questões e pelo reforço dos estudantes quando propõem soluções alternativas para problemas numa variedade de contextos; pelo desenvolvimento da discussão em grupo sobre as limitações e vantagens das diferentes opções numa variedade de perspetivas, o que permite aos estudantes considerar tantas opções quantas possíveis, antes de tomar uma decisão. (CAMPOS, 1997: 162)

Para além de prender a atenção e estimular o raciocínio dos alunos, leva-os a relacionar, comparar e julgar os valores, discriminar o certo e o errado, formular respostas, encontrar soluções e a analisar as respostas dadas pelos colegas de turma. Por isso, é um forte incentivo para a autêntica aprendizagem dos educandos. O professor não só transmite valores como também deve promover o desenvolvimento do raciocínio moral e preocupar-se com a ação moral dos jovens alunos.

A partir das respostas dos alunos verificamos uma certa dificuldade na tomada de decisões sobre os problemas apresentados e de compreensão de alguns valores morais e sociais. Estes resultados serviram de estímulo para o desenvolvimento do meu projeto de investigação-ação, pois deram um significado maior e evidenciaram a importância de planificar atividades para desenvolver as competências e aptidões dos alunos, a

capacitação para a resolução dos problemas de vida, a promoção do desenvolvimento psicológico e a educação para os valores.

Neste contexto, o professor deve transmitir através da sua prática educativa uma diversidade de valores que devem estar presentes no desenvolvimento dos alunos. Como tal, optámos por realizar esta atividade na escola para desafiar as capacidades e os conhecimentos dos educandos, e também consideramos que esta atividade é importante para o desenvolvimento integral da personalidade dos educandos, porque é através da aprendizagem de valores morais e sociais, e o desenvolvimento da personalidade que ocorre a formação do carácter dos alunos.

2.1.2. Segunda etapa – Entrevistas aos Professores do Ensino Secundário da Escola Secundária Daniel Faria

A segunda etapa consistiu, como já referi, na realização de entrevistas aos professores do ensino secundário da Escola Secundária Daniel Faria – Baltar. Foram entrevistados duas professoras de filosofia chamadas Maria Guilhermina e Susana Coelho, uma professora de educação física chamada Clotilde Leitão e um professor de língua portuguesa chamado Manuel Lopes. Ambos os professores lecionam nas turmas (11º A e 2 M-P) que trabalhei ao longo do estágio pedagógico.

Através da técnica da entrevista utilizada, pretendi colocar determinadas questões aos professores, relativas à dimensão do professor e ao processo de ensino/aprendizagem, de forma a recolher dados que permitam um conhecimento dos seus quadros conceptuais enquanto elementos educacionais. Assim, foi solicitado a cada professor que patenteie as suas impressões gerais sobre os aspetos que considera relevantes para a sua caracterização referentes à educação, ao seu papel enquanto professor-educador, a sua relação pedagógica com os alunos, entre outros aspetos igualmente importantes para o projeto. Da mesma forma procurei que os professores se pronunciassem sobre situações e sobre as suas expectativas profissionais. Também selecionei algumas questões sobre o ensino da filosofia e solicitei uma reflexão sobre a importância da atitude do professor de filosofia como elemento determinante para o ensino da filosofia dos alunos do ensino secundário.

A partir das respostas dos quatro professores entrevistados, obtiveram-se os seguintes resultados: a totalidade dos professores são licenciados, sendo que uma

professora de filosofia é mestre de filosofia medieval. No que concerne à recolha de informação, os professores têm entre 13 e 36 anos de profissão docente. No entanto, lecionam neste estabelecimento de ensino de 4 a 29 anos de serviço. Relativamente à escolha da profissão, ambas as professoras de filosofia escolheram esta profissão pela paixão e gosto pela disciplina, e também, pela influência dos seus antigos professores do ensino secundário. A totalidade dos professores referem o gosto por ensinar, o gosto pelo conhecimento e pelo saber.

Referente ao percurso profissional, os entrevistados assinalam um balanço positivo, contudo, declaram uma enorme preocupação pela instabilidade da sua profissão docente, as condições precárias de trabalho, como por exemplo, as mudanças, os cortes no salário, e também, a falta de valor e prestígio social, entre outros fatores negativos. Com efeito, os professores tentam ser um membro ativo da comunidade escolar, contribuindo para o funcionamento da escola e promovendo atividades extracurriculares, mas confessam a falta de motivação na ação na vida escolar.

Apesar de esta reflexão incidir fundamentalmente sobre a dimensão do professor, ou seja, sobre aspetos mais ligados ao funcionamento pessoal do docente do que ao conjunto de opções didáticas e metodológicas, questionei os professores sobre como preparam habitualmente as suas aulas, e foi com unanimidade que os professores afirmaram que planificavam as suas aulas, idealizavam e renovavam ano após anos as suas estratégias, selecionavam e utilizavam os recursos didáticos referentes à matéria a lecionar, mas principalmente, optavam por técnicas didáticas e métodos mais relevantes e adequados de acordo com as necessidades dos educandos.

Neste contexto, os professores afirmam que os recursos didáticos que mais utilizam são: os manuais, o computador e o projetor, os esquemas, imagens, filmes e músicas. Tal significa que todos os professores utilizam as novas tecnologias e dominam os conteúdos programáticos dos manuais, guias escolares, recursos didáticos e outros instrumentos relativos ao processo de aprendizagem.

Na seguinte pergunta, **“De que forma motiva os seus alunos para a aprendizagem da matéria?”**, na entrevista 3, a professora de filosofia afirma que é *através da diversificação de estratégias e recursos, assim como tentando “puxar” a Filosofia para a atualidade.*

Desta forma, considero que a motivação é um fator muito importante na prática educativa. Através desta técnica consegue-se predispor os alunos à participação ativa nos trabalhos escolares, ao interesse pela matéria, ao gosto por aprender novos

conhecimentos e por cumprir as tarefas com empenho e satisfação. Por isso, aprendi ao longo do estágio profissional, que o professor deve proporcionar um momento de motivação em cada aula, porque esta é a técnica mais adequada e eficaz para a melhor aprendizagem dos alunos.

No entanto, é necessário referir a importância de uma boa relação pedagógica entre o professor e o aluno para um maior êxito na ação educativa, porque é através da proximidade que o professor conhece os seus alunos, e assim, poder adaptar o ensino às capacidades e limitações, auxiliar nas dificuldades e nas carências dos educandos, programar conscientemente todas as tarefas de acordo com as necessidades e competências, e aplicar técnicas metodológicas apropriadas para o desenvolvimento pessoal, moral e social dos alunos, a fim de realizar a melhor aprendizagem e alcançar os objetivos educacionais. Assim, o professor está em melhores condições para transmitir, orientar e educar, cumprindo as suas responsabilidades enquanto docente.

Na entrevista 4, referente à pergunta **“Como caracteriza a sua relação com os alunos?”**, a professora de filosofia confessou

acho que é uma relação muito próxima. Acho que eles estão perfeitamente à-vontade comigo. (...) Normalmente gosto dos meus alunos e portanto acho que esta relação é uma relação de proximidade, embora uma relação que exige o respeito, o respeito normal, não é o respeito de distância que o professor está lá em cima e ele está cá em baixo, mas gosto. É uma proximidade de seres humanos em que cada um desempenha o seu papel. Às vezes somos estudantes de Filosofia todos juntos à volta de um texto ou de um assunto qualquer, estamos ali a trabalhar e a fazer coisas.

A relação entre os alunos e os professores constitui um verdadeiro laço intersubjetivo fortemente marcado pela afetividade e pela cumplicidade, sem estas características não existe uma aproximação que auxilia o ensino/aprendizagem dos educandos. Por conseguinte, muitos educandos desenvolvem as suas possibilidades intelectuais, sociais e afetivas, devido à boa relação que estabelecem com o professor.

No que concerne à relação pedagógica, todos os professores afirmam que têm uma boa relação e estão de acordo sobre a importância da proximidade com os educandos. Porém, o professor de língua portuguesa apresenta algumas dificuldades que os docentes se debatem na sua prática educativa e no processo da relação professor-aluno.

Através da entrevista 2, compreendi que esta relação pedagógica caracteriza-se por vezes numa tarefa difícil e complicada, porque, como refere o professor

os alunos não têm essa cumplicidade. Eu não digo que seja por vontade própria, eles são assim. Não foram educados no sentido de criarem essa cumplicidade nas relações pessoais e neste caso, de facto noto uma grande diferença em relação ao passado. Os alunos de facto têm cada vez menos cumplicidade e envolvem-se cada vez menos e claro que isso afeta a relação pessoal entre o professor e aluno. Portanto, um aluno que não se envolva naquilo que nós estamos a transmitir e não estamos a transmitir coisas fora daquilo que é fora dos programas. Portanto, não se envolvem e a não se envolverem, a relação fica afetada. A relação pessoal com o aluno é tanto melhor quanto maior for o envolvimento do aluno com aquilo que se está a tratar. (...) Não deve haver um afastamento, deve haver sempre uma proximidade, mas essa proximidade por vezes é afetada pela falta de empenho por parte dos alunos. (...)

Contudo, o professor conclui que “*se o professor deve ser professor dentro da sala de aula, no corredor, no recreio e até fora da escola, isso implica uma proximidade e uma boa relação com o aluno. (...) O professor deve ter uma relação de proximidade mas uma relação de respeito mútuo.*”

Consequentemente, compreendemos que no momento atual há a necessidade de uma maior educação para os valores, para as atitudes, centrada no desenvolvimento pessoal, moral e social dos alunos. Através da ação educativa, o professor auxilia no crescimento da personalidade e do carácter, no processo de maturação e na transformação de seres autónomos, livres e responsáveis pelos seus próprios atos na vida pessoal e social. Assim, à pergunta “**Na sua opinião, o que significa educar?**”, na entrevista 1, a professora afirma que *educar é educar para os valores, para as atitudes, para cumprir as regras. Todos esses valores, eles têm de saber aplicar na sua vida, no dia a dia.*

Na entrevista 4, a professora explica que

educar é um conceito muito mais amplo do que estar a dar aulas. A educação acho que é de todos os níveis e portanto acho que a educação é muito

abrangente. Mas às vezes acho que nós como professores inevitavelmente também somos educadores, porque nós marcamos os nossos alunos.

O professor tem uma enorme responsabilidade porque é um modelo de referência e uma grande influência que se estende através de gerações e os seus efeitos contribuem para o progresso da sociedade. A educação não é um mero processo de instrução, é muito mais que uma transmissão de conhecimentos e conteúdos do programa, é desenvolver seres humanos competentes, autónomos, cidadãos livres e responsáveis.

É de salientar que para além dos conhecimentos o educando deve adquirir as noções gerais, atitudes, valores fundamentais, adquirir destrezas e competências úteis para viver em comunidade, adotando um comportamento correto, apreendendo as responsabilidades da vida e integrando-se nos padrões culturais e morais da sociedade.

Como defende o professor na entrevista 2,

o professor não se deve limitar apenas a transmitir conhecimentos, a cumprir programas e deve preocupar-se em transmitir valores, digamos, a conduzir no fundo. Educar é mesmo conduzir, não manipular, não formatar numa determinada perspetiva. Conduzir sempre numa perspetiva aberta de forma a que eles criem uma consciência crítica, portanto, um espírito crítico, um pensamento crítico. Saber olhar para as coisas e saber discernir, saber julgar... Não devemos conduzir nessa perspetiva direccionista, devemos conduzir de forma a desenvolver o espírito crítico. Não podemos abdicar de conduzir, se abdicamos de conduzir não estamos a ser professores. (...) Não podemos estar à espera que a educação seja só em casa, na cédula familiar, até porque há famílias que também não têm capacidade de educar devidamente e então a escola está aqui para dar, para completar ou complementar essas falhas da educação em casa e portanto o professor deve ser educador.

No que concerne à recolha de informação, verificamos que a grande maioria dos entrevistados consideram-se como professores-educadores, ou seja, não se veem como simples transmissores de saberes ou organizadores de aprendizagens realizadas coletivamente. À pergunta determinante da minha investigação-ação: **“Considera que um educador é apenas um transmissor de conhecimentos? Considera que o ato de**

ensinar deve envolver também educar? / Para além de ensinar também educa os seus alunos?”, na entrevista 3, a professora responde

Sim, sem dúvida. Educar é transmitir conhecimentos, mas também valores. Portanto, no início do ano, estipulam-se as regras, às quais tem de ser lembradas com frequência. Paralelamente, os temas da Filosofia também envolvem questões cívicas.

O professor não deverá estar voltado somente para o trabalho de transmitir noções, mas principalmente, para formar, orientar e educar. Como tal, o trabalho do professor é imprescindível e deve ter a consciência do seu papel diante dos alunos, das famílias, da comunidade onde a escola está inserida e da sociedade em geral.

Nesta linha, na entrevista 2, o professor defende que

as duas coisas são de facto complementares, transmitir conhecimentos, o ensinar e o educar são complementares porque a própria transmissão de conhecimentos, o ensinar já é só por si um ato educativo, já é conduzir. Mas não pode nunca em circunstância alguma abdicar desse lado de educador, ou seja, de conduzir. De conduzir, pelo que se costuma dizer, no bom caminho. Ora, o bom em termos de conceito subjetivo e de relatividade mas qualquer das formas eu acho que o conceito de bom caminho todos nós sabemos que é na base dos valores, da boa educação e da cidadania.

Finalmente, alcançamos a nova consciência do papel do professor como educador moral, formador de carácter e facilitador da formação pessoal e social dos alunos. Esta mudança exige que o professor seja um bom trabalhador, polivalente, flexível, motivado, criativo e participativo, para que haja um progresso na educação das novas gerações. Assim, não devem reduzir-se à mera transmissão de conhecimentos técnicos, não apenas desenvolver o saber e o saber fazer, mas também o saber ser, independentemente da disciplina.

Neste sentido, à pergunta **“De um modo geral, quais são os objetivos educacionais que considera que podem ser alcançados na sala de aula?”**, a professora, na entrevista 3, menciona *a formação científica dos alunos e alguma formação cívica.*

Em suma, a ação educativa caracteriza-se pela aquisição de conhecimentos, do desenvolvimento de capacidades e competências dos alunos, mas também, pela transmissão de valores, atitudes, sentimentos, pela consciência moral ou dos costumes culturais, pelo desenvolvimento da personalidade e do carácter dos educandos para a plena integração na vida social.

É na ação educativa que o professor deve despertar nos alunos o interesse pelo mundo à sua volta, orientar para a convivência social, estimular para a descoberta de sentimentos, valores e atitudes, e desenvolver mecanismos de relacionamento no grupo turma, com a comunidade escolar e com a sociedade.

Relativamente ao professor de filosofia, é importante referir o seu papel fundamental na atividade intelectual e no desenvolvimento pessoal, moral e social dos alunos. Como defendi na minha investigação-ação, o professor de filosofia é um modelo de referência para os alunos, é um orientador e formador da dimensão do pensamento filosófico. Contudo, devemos ter em consideração a atitude do professor de filosofia, o seu temperamento, a sua maturidade, a sua personalidade, a sua dedicação e competência que demonstra no processo de ensino/aprendizagem, e também, o entusiasmo e o gosto pela sua profissão docente. Estes são os fatores importantes que levam à eficiência da profissão docente, ao sucesso da aprendizagem dos alunos, à concretização dos objetivos educacionais e também à realização pessoal.

Uma vez mais é importante referir que o professor tem um papel importante como interveniente na sociedade porque educa para a cidadania, e por isso, é responsável pela educação das futuras gerações.

À pergunta, **“Concorda que o professor de filosofia tem um papel importante na educação dos alunos? Se sim, porquê? E de que forma, através da sua prática educativa, consegue educar os alunos?”**, ambas as professoras de filosofia responderam de forma afirmativa relativamente à importância do papel do professor de filosofia no processo educativo dos alunos. A professora na entrevista 3, esclareceu *...porque pode transmitir conhecimentos e valores com facilidade face aos temas do programa.*

Através de métodos, abordagens filosóficas e exercícios de reflexão, o professor promove a autonomia, desenvolve o pensamento livre e crítico, e potencia o pensamento consciente de si mesmo e do mundo, aprendendo a pensar por si próprio e a refletir sobre problemas da vida social.

Por sua vez, na pergunta “**Quais os recursos didáticos que utiliza para o ensino e a aprendizagem da filosofia?**”, ambas as professoras de filosofia referiram a enorme importância aos textos filosóficos e textos de autores, notícias e documentários, e também, tentativa de contextualizar os programas com dados socioculturais, motivando os seus alunos para a reflexão sobre problemas sociais e culturais, e como indica a professora de filosofia na entrevista 4, sobre *exemplos concretos da vida pessoal*.

Neste contexto, a educação filosófica tem como objetivo principal potencializar as capacidades do pensamento autónomo e a formação integral do ser humano. Como defende a professora de filosofia, na entrevista 4, à pergunta “**O que entende por educação filosófica?**”

a educação, para mim, é uma educação para a vida. É essencialmente levá-los a pensar por nós próprios sem ser arrastados pelos outros. Mas isso significa que deverão ouvir e ler para dizerem mesmo que seja ao contrário daquilo que pensam. (...) Então eu acho que é uma Filosofia que se aplica na vida.

Esta entrevista aos professores do ensino secundário da Escola Secundária Daniel Faria – Baltar serviu, assim, de estímulo à implementação do projeto de investigação-ação que tinha pensado desenvolver, pois deu um significado maior e evidenciaram a importância de planificar atividades para desenvolver atitudes, valores e competências que ajudem a formar os educandos para o futuro. Na verdade, enquanto estudante sempre apreciei a profissão docente e o projeto permitiu desenvolver alguns conhecimentos úteis para a minha formação académica e profissional. Alguns desses conhecimentos foram transmitidos pelo contacto com os meus professores do ensino secundário, do ensino superior e pelo meu orientador de estágio.

Como tal, sempre considere interessante refletir sobre a dimensão do professor na atualidade e a importância da relação pedagógica entre professor-aluno.

Considerações finais

Antes de terminar, penso que é importante salientar alguns pontos importantes que me permitem fazer um balanço positivo da implementação deste projeto de investigação-ação.

Em primeiro lugar, destaco a participação da comunidade escolar na atividade com o objetivo de desenvolver a autonomia do pensamento e a atitude crítica sobre vários cenários que envolvem decisões éticas. Facto que ganha maior importância na concretização de uma educação para os valores que orientam a nossa vida e influenciam as nossas escolhas e para o desenvolvimento da formação pessoal e social dos educandos.

Em segundo lugar, saliento a participação e o envolvimento dos professores do ensino secundário da Escola Secundária Daniel Faria – Baltar na realização das entrevistas, contribuindo significativamente para a investigação-ação deste projeto.

Finalmente, é de ressaltar que a profissão docente é um dos ofícios mais importantes que deve ser realizado com toda a dedicação, trabalho e com um sentimento de esperança para a construção de uma sociedade melhor, apoiada em conhecimentos e valores. O professor deve formar, orientar e educar os alunos para que estes se tornem cidadãos independentes e responsáveis pelos seus próprios atos e da própria vida pessoal. Assim, o professor tem a importante tarefa de formar as novas gerações, construir presentes e futuros.

A qualidade da educação depende de vários fatores, entre os quais se destacam o nosso desenvolvimento social e cultural, o sistema educativo, os recursos investidos, a liderança das escolas e a competência científica e pedagógica dos professores. Tudo depende do meio em que se está inserido, pois ele, já por si é um grande estímulo ao discernir de uma criança, mas convenhamos que tal não basta. Não basta os pais ou encarregados de educação fornecer certos e determinando meios para que os educandos atinjam um patamar superior, e por isso, existe a necessidade de o encaminhar para os locais próprios, as escolas. Elas, tanto hoje, como num ontem longínquo foram/e são, os grandes polos de cultura, de ciência, de saber, isto é, uma ponte para novos horizontes.

A principal limitação deste projeto prende-se com a impossibilidade da realização da atividade dentro da sala de aula, devido a restrição a nível do calendário letivo e o facto de o meu orientador de turma, o meu colega de estágio e eu termos de trabalhar

todos nas mesmas turmas, o que condicionou em grande medida de alargar a dimensão do projeto.

Não obstante, penso que os resultados deste projeto permitiram reunir bons indícios sobre a dimensão da profissão docente, as suas qualidades e competências científicas e pedagógicas, direitos e deveres da docência. A importância do bom uso das técnicas didáticas para uma melhoria da qualidade da educação nas nossas escolas. As atitudes do professor, como também a relação pedagógica entre o professor e o aluno, e a inevitável e imprescindível transmissão de valores através das práticas educativas.

De igual modo, é de salientar a importância do papel do professor de filosofia na educação e no desenvolvimento da personalidade dos alunos, devido à sua dimensão humanista, pelo grau de sensibilidade no tratamento filosófico de temas que auxiliam o ato educativo e o desenvolvimento pessoal e social dos educandos.

Em jeito de conclusão, termino com o argumento defendido ao longo do meu projeto de investigação-ação:

“... todos os professores devem promover a formação pessoal e social dos alunos nas suas disciplinas respetivas. Assim não devem reduzir-se à mera transmissão de conhecimentos técnicos, ou à mera promoção das capacidades cognitivas, físicas ou estéticas, isto é, à mera ordem do saber e saber fazer; devem também, qualquer que seja a disciplina, situarem-se na ordem do saber ser e, portanto, na ordem da ética e do espírito.” (CUNHA, 1996: 110-111)

Cabe, então, à sociedade em geral compreender a importância da profissão docente e, conseqüentemente, ao professor assumir o seu papel de professor-educador, formador de carácter e facilitador da formação pessoal e social dos educandos.

Bibliografia

A Lei de Base do Sistema Educativo, versão nova consolidada - 30/08/2005.

AAVV. (2006). *Dicionário de Filosofia da Educação*. Coordenador Adalberto Dias de Carvalho. Porto: Porto Editora.

AAVV. (1995). *Profissão Professor*, org. António Nóvoa, Porto: Porto Editora.

ALCÁNTARA, J. A. (1994). *Como educar as atitudes, Atitudes: que são?; cultivar quais? Como se educam? Estratégias e planificação para a sua formação*. Lisboa: Plátano Edições Técnicas.

ALMEIDA, M. M (coord.). (2001). Programa de Filosofia 10º e 11º anos. Cursos Científico-Humanísticos e Cursos Tecnológicos. Formação Geral. Lisboa: Ministério da Educação – DES.

BOAVIDA, J. (2010). *Educação Filosófica: Sete Ensaio*s. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.

BOAVIDA, J. (1991). *Filosofia: do Ser e do Ensinar*. Coimbra: Instituto Nacional de Coimbra: Investigação Científica.

CABANAS, Q. (2002). *Teoria da Educação, Um conceção antinómica*, Porto: ASA.

CAMPOS, B. P. (1997). *Educação e Desenvolvimento Pessoal e Social*, Porto: Edições Afrontamento.

CARVALHO, A. D. (2010). *Contemporaneidade Educativa e Interpelação Filosófica*. Porto: Edições Afrontamento.

CUNHA, P. D. (1996). *Ética e Educação*, Lisboa: Universidade Católica Editora.

DREW, W., OLDS, A., OLDS, H. (1989). *Como motivar os seus alunos, Atividades e métodos para responsabilizar os alunos*, Lisboa: Plátano Edições.

ESCOLA, J. (2011). *Gabriel Marcel, Comunicação e Educação*, Porto: Edições Afrontamento.

ESTANQUEIRO, A. (2010). *Boas Práticas na Educação, O papel dos professores*. Lisboa: Editorial Presença.

ESTANQUEIRO, A. (2009). *Saber lidar com as Pessoas*. Lisboa: Ed. Presença.

ESTRELA, M. T. (2010). *Profissão Docente, Dimensões Afetivas e Éticas*, Porto: Areal Editores.

ESTRELA, M. T. (2002). *Relação Pedagógica. Disciplina e Indisciplina na Aula*. Porto: Porto Editora.

- FREIRE, P. (1999). *Educação como Prática de Liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- GAMEIRO, A. (1974). *Pedagogia e Relação Educativa*, Porto: Edições Salesianas.
- GIULIANI, B. (2000). *O Amor da Sabedoria, Iniciação à Filosofia*, Instituto Piaget: Éditions du Relié.
- HESSEN, J. (1967). *Filosofia dos Valores*, Coimbra: A. Amado.
- JESUS, S. N. (2000). *Influência do Professor sobre os Alunos* (4ª ed.). Porto: Ed. ASA.
- MATTOS, L. (1971). *Sumário de Didática Geral*, Rio de Janeiro: Editora Aurora.
- MARQUES, R. (2001). *Educar com os pais*, Lisboa: Editorial Presença.
- MARQUES, R. (2002). *Valores Éticos e Cidadania na Escola*. Lisboa: Ed. Presença.
- MESQUITA, E. (2011). *Competências do Professor, Representações sobre a formação e a profissão*, Lisboa: Edições Sílabo.
- MORGADO, J. (1999). *A Relação Pedagógica: Diferenciação e Inclusão*, Lisboa: Editorial Presença.
- NÓVOA, A. (2002). *Formação de Professores e Trabalho Pedagógico*, Lisboa: Educa.
- NÓVOA, A. (2007). *Debate “Desafios do trabalho do professor no mundo contemporâneo”*. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/2943879/Desafios-do-trabalho-do-professor-Antonio-Novoa>>. Acedido em 01-06-2012.
- PAIVA, J. (2007). *O Fascínio de Ser Professor*. Lisboa: Texto Editores.
- PEREIRA, P. C. (2007). *Do Sentir e do Pensar, Ensaio para uma antropologia (experiencial) de matriz poética*. Porto: Edições Afrontamento.
- REBOUL, O. (2000). *A Filosofia da Educação*, Lisboa: Edições 70.
- STEINER, G.; LADJALI, C. (2005). *Elogio da Transmissão: O Professor e o Aluno*, Lisboa: Dom Quixote.

Anexos

Anexo 1 – Cartaz da atividade “Dilemas Éticos”

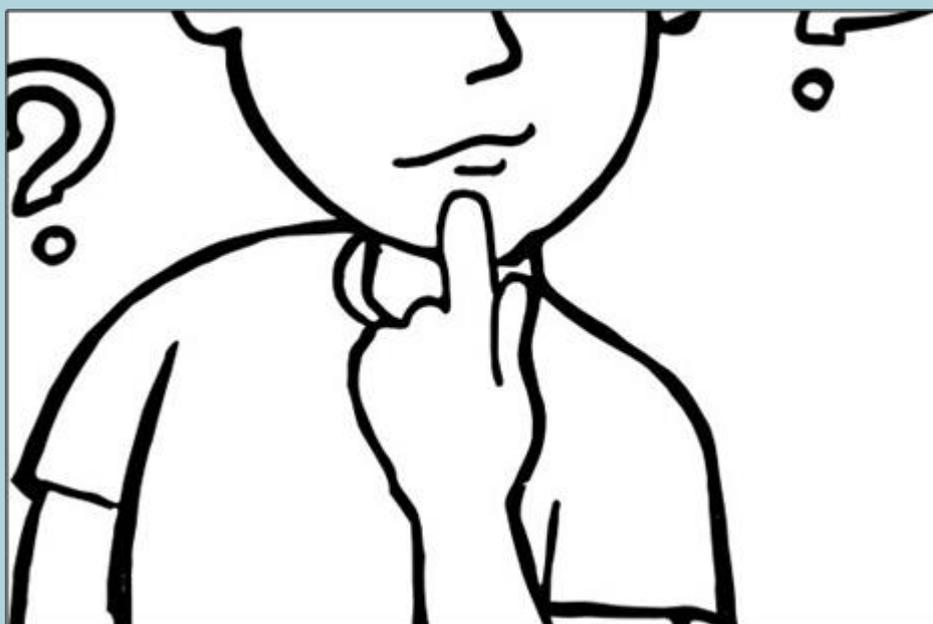
AGRUPAMENTO DE ESCOLAS - DANIEL FARIA, BALTAR, PAREDES

ESCOLA SECUNDÁRIA DANIEL FARIA - BALTAR



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
E CIÊNCIA

CONCURSO “DILEMAS ÉTICOS”



**DEM À BIBLIOTECA E PARTICIPA!
MOSTRA QUE SABES RESPONDER AOS
DILEMAS, SÓ TERÁS A GANHAR
COM ISSO!**

Anexo 2 – Dilemas Éticos

Dilema do sargento

Supõe que és um sargento do exército e participas numa missão de guerra no Afeganistão. A unidade que lideras tem a missão de se deslocar a uma aldeia em busca de rebeldes. Foste informado de que é muito possível que encontres resistência, pois nessa aldeia está situado um quartel general dos talibã. Ao chegares a essa aldeia, embora já tenhas avisado os teus homens para se prepararem para o combate, não encontres qualquer foco de resistência. A aldeia é constituída por meia dúzia de casas em argila e a sua população é constituída maioritariamente por crianças, mulheres e idosos. Não há quaisquer combatentes. Contactas a base para dares conta desta situação, contudo recebes uma ordem direta no sentido de bombardeares todas as casas e destruíres a aldeia. Informam-te de que essa aldeia é um importante ponto de passagem dos rebeldes e que é frequente encontrarem-se no local para planearem ataques e treinarem terroristas. Contudo, depois de revistares casa a casa, não encontres nada que indicie quaisquer contactos com terroristas. Encontras apenas idosos, mulheres e crianças assustadas. Contactas de novo a base, mas a ordem é clara: não pode ficar pedra sobre pedra.

1. O que farias nesta circunstância?
2. O que deve prevalecer: cumprir ordem e o dever militar, ou a tua consciência?

Dilema do engenheiro

Imagina que és um engenheiro competente mas estás desempregado e com grandes dificuldades em encontrar um emprego. No último mês não pagaste a renda e neste o teu senhorio já te ameaçou que desta vais mesmo para a rua.

Um amigo propõe-te que aceites um emprego bastante bem pago num laboratório que desenvolve armas químicas e biológicas. Tu consideras profundamente errado o tipo de investigação desenvolvido nesse laboratório, e por isso, tens como primeira reação recusar a proposta de emprego. Mas o teu amigo faz-te notar que, se não aceitares o emprego, outra pessoa qualquer aceitará.

1. O que deves fazer?

2. Porquê?

Dilema do elétrico

Estás a conduzir um elétrico. Ouves gritos de terror. Desvias o olhar em direção aos gritos e percebes que cinco trabalhadores estão mesmo à tua frente e em breve serão esmagadas, se não desviares o elétrico. Reparas que há bem perto do local onde estás uma escapatória de urgência que podes utilizar para desviar o comboio e salvar as cinco pessoas. Infelizmente, também reparas que alguém está a trabalhar nesse local e, portanto, caso decidas mudar a trajetória do elétrico irás atingi-la mortalmente.

Podes salvar cinco pessoas, mas apenas se condenares à morte uma sexta.

1. O que deves fazer?

2. Porquê?

Dilema do coração clonado

Vives em 2025. Existe uma espécie de seguro de vida acessível a qualquer pessoa com algum dinheiro. Decides fazer uma apólice desse seguro. Trata-se de uma apólice que te garante um transplante de qualquer órgão de que venhas a precisar, perfeitamente saudável, com total garantia de que esse órgão será perfeitamente compatível contigo se por alguma razão tiveres um acidente ou uma doença grave. A seguradora diz-te apenas que os órgãos são desenvolvidos em laboratório, a partir de amostras dos teus próprios órgãos e que tudo é feito dentro da legalidade.

Um dia, enquanto vais para o emprego, tens um enfarte. Os médicos dizem-te que tens um problema grave numa das válvulas do coração e que, se não fizeres um transplante em breve, terás pouco mais que um ano de vida. Contactas a seguradora e dois dias depois tens um novo coração à espera. Duas semanas depois estás no quarto do hospital à espera de ser operado e vês uma notícia chocante no telejornal. O presidente da tua seguradora foi preso por prática ilegal de clonagem para fins terapêuticos. Descobriu-se que clonava seres humanos a partir de sangue e amostras dos seus clientes. Sendo assim, o coração que tens à espera e sem o qual morrerás, será retirado de um outro ser humano em tudo igual a ti, que morrerá para que tu vivas e para que a seguradora lucre com a tua doença e com a morte do teu clone.

1. Deves ou não aceitar o transplante de coração?
2. Quem tem mais direito à vida: tu ou o teu clone?

Dilema do cirurgião

Imagina que és um cirurgião que trabalha num Hospital. Na tua lista de espera de operações estão quatro jovens em perigo de vida. Os seus nomes são Pedro, Carla, Miguel e Joana. Têm 20, 25, 30 e 32 anos, respetivamente. O Pedro precisa urgentemente de um transplante de fígado, a Carla de um transplante de coração, o Miguel de um transplante de pâncreas e a Joana de um transplante de pulmões. Não existem dadores disponíveis. Estás completamente desesperado, pois se não receberem o transplante em breve, é certo que não sobrevivem. A tua única alternativa é a de encontrar órgãos saudáveis e, rapidamente.

Cada um dos jovens não fez nada de errado. Se não fosse a doença teriam vidas longas e felizes à sua frente.

Lembras-te subitamente de que num dos quartos do hospital está um jovem em coma, ligado a um ventilador. Ficou em coma depois de um acidente de automóvel a mais de 230 km/hora na auto-estrada, após ter bebido grandes quantidades de álcool. Todos os seus órgãos estão saudáveis, menos o cérebro visto que terá batido violentamente com a cabeça. De repente tens uma ideia. Se o jovem acidentado morresse poderia ceder os seus órgãos aos quatro jovens doentes. Terias apenas de desligar o ventilador do jovem acidentado sem que ninguém soubesse. Afinal, salvarias quatro vidas pelo preço de uma.

1. O que farias nessa circunstância?
2. Quatro vidas valem mais que uma?

Dilema do amigo criminoso

Um amigo quer contar-te um segredo e pede para prometeres que não contas a ninguém. Dás a tua palavra. Ele conta-te que atropelou uma pessoa e, por isso, vai refugiar-se na casa de uma prima.

1. Quando a polícia te procura para saber do teu amigo, o que fazes?
2. Porquê?

Anexo 3 – Entrevista aos Professores do Ensino Secundário



Escola Secundária Daniel Faria - Baltar

Entrevista

Nome: _____

Idade: _____

Habilitações académicas: _____

Professor(a): _____

Turma(s): _____

Professor(a):

1. Há quanto tempo é docente?
2. Há quanto tempo leciona neste estabelecimento de ensino?
3. O que é que esteve na base da escolha da profissional? / Quais foram as principais razões dessa escolha?
4. Que balanço faz do seu percurso profissional?
5. Integra algum órgão de direção da escola? Qual/Quais?
6. Como avalia a sua ação na vida escolar? Considera-se um membro ativo da comunidade escolar?
7. Costuma relatar os problemas que enfrenta, tanto administrativos como pedagógicos, na sua prática docente à direção da escola? Se sim, de que forma?

8. Como é que, habitualmente, costuma preparar as suas aulas?
9. Utiliza com frequência recursos de ensino, recursos didáticos? Quais os recursos didáticos que mais utiliza?
10. De que forma motiva os seus alunos para a aprendizagem da matéria?
11. Como caracteriza a sua relação com os alunos?
12. Explique, por favor, de que forma faz uso da sua autoridade?
13. Que imagem tem dos professores deste nível de ensino?
14. Que imagem tem de si próprio(a) como professor(a)? Se tivesse que se descrever como o faria?
15. No seu exercício profissional diga quais são os seus pontos fortes e quais os aspetos em que sente mais dificuldades.
16. Na sua opinião, o que significa educar?
17. Considera que um educador é apenas um transmissor de conhecimentos? Considera que o ato de ensinar deve envolver também educar? / Para além de ensinar também educa os seus alunos?
18. Que papel deve ter desempenhado, enquanto professor, para que no final da aula se sinta realizado(a)?
19. De um modo geral, quais são os objetivos educacionais que considera que podem ser alcançados na sala de aula?

Professor(a) de filosofia:

20. Quais as dificuldades que encontra no ensino da filosofia? De que forma tentar colmatar essas dificuldades?
21. Quais as estratégias que utiliza para motivar os seus alunos?
22. Quais os recursos didáticos que utiliza para o ensino e a aprendizagem da filosofia?
23. Na sua opinião, quais são as competências que o ensino da filosofia deve desenvolver nos alunos do ensino secundário?
24. Considera que a atitude do professor de filosofia é um elemento determinante para o ensino da filosofia? Se sim, porquê?
25. Concorda que o professor de filosofia tem um papel importante na educação dos alunos? Se sim, porquê? E de que forma, através da sua prática educativa, consegue educar os alunos?
26. Qual ou quais as modalidades de avaliação que privilegia no ensino da filosofia?
27. O que entende por educação filosófica?

Anexo 4 – Resultados das entrevistas aos Professores do Ensino Secundário

Entrevista 1

Nome: Clotilde Cachetas Gonçalves Leitão

Idade: 48

Habilitações académicas: Licenciatura (5 anos – Estágio Integrado)

Professor(a): de Educação Física

Turma(s): 11º A/ B/ C; 12º A;9º D; 2º M-P

Professor(a):

1. Há quanto tempo é docente?

“Há 22 anos.”

2. Há quanto tempo leciona neste estabelecimento de ensino?

“Há 15 anos.”

3. O que é que esteve na base da escolha da profissional? / Quais foram as principais razões dessa escolha?

“O gosto pela disciplina e o ensino da mesma.”

4. Que balanço faz do seu percurso profissional?

“É bom.”

5. Integra algum órgão de direção da escola? Qual/Quais?

“Sou coordenadora do departamento de expressão.”

6. Como avalia a sua ação na vida escolar? Considera-se um membro ativo da comunidade escolar?

“Sim. Realizo atividades relacionadas com desporto, sarau cultural, o dia da escola, entre outras atividades.”

7. Costuma relatar os problemas que enfrenta, tanto administrativos como pedagógicos, na sua prática docente à direção da escola? Se sim, de que forma?

“Os problemas administrativos sim, quando há falta de material ou de recursos para os alunos praticarem a disciplina. Mas os problemas pedagógicos são sempre tratados com os alunos.”

8. Como é que, habitualmente, costuma preparar as suas aulas?

“Faço a unidade das aulas, planificações, avaliação por diagnóstico, trabalho por níveis dentro da turma e uso o mesmo conteúdo com trabalho diferente.”

9. Utiliza com frequência recursos de ensino, recursos didáticos? Quais os recursos didáticos que mais utiliza?

“Utilizo material de desporto, máquina de filmar, música e gravador.”

10. De que forma motiva os seus alunos para a aprendizagem da matéria?

“Estão motivados naturalmente, arranjo recursos e formas diversificadas de apresentar a matéria de ensino. Uma forma é “obriga-los” a realizar as tarefas.”

11. Como caracteriza a sua relação com os alunos?

“Tenho uma boa relação, de respeito e sou rigorosa. Exijo deles e tenho uma relação de respeito e de brincadeira quando é de brincar. O 9º ano descreveu-me como uma pessoa «severa mas humilde».”

12. Explique, por favor, de que forma faz uso da sua autoridade?

“... se não quiser jogar futebol tem a penalização. Um aluno a partir do momento que está na aula tem que fazer o que eu quero. Mas como tenho respeito por eles nunca mando fazer nada que não possam. Tudo o que eu peço é possível e como tal exijo que o façam, se não fazem vão-se embora. (...) Eu digo «oh meus amigos, eu sou vossa amiga, mas enquanto estou em determinadas situações, eu mando. Vocês têm que fazer.» É a questão do professor-aluno no sentido de executar as tarefas, se é tarefa da matéria, eles são obrigados a fazer, como eu sou obrigada a ensinar. Eu dou sempre esse exemplo.”

13. Que imagem tem dos professores deste nível de ensino?

“Má! Os professores não do meu nível, mas da minha disciplina? Eu daquilo que conheço. (...) (Andreia: Mas qual é a imagem que tem dos professores, são bons?) Não são maus. (Andreia: Mas porquê?) Porque são maus, não ensinam, não se dão ao trabalho. A nossa disciplina dá muito trabalho. (...) Acho que se acomodaram, como é fácil e os alunos gostam e não há problemas. Do resto dos professores, há de tudo. É como nas outras profissões, há bons e há maus. Há bons advogados, há maus advogados, há bons professores e há maus professores. Mas da minha disciplina são maus.”

14. Que imagem tem de si próprio(a) como professor(a)? Se tivesse que se descrever como o faria?

“Ah! Muito boa. Dou bem as aulas e explico bem a matéria.”

15. No seu exercício profissional diga quais são os seus pontos fortes e quais os aspetos em que sente mais dificuldades.

“Se os alunos gostarem da nossa disciplina é mais fácil de levá-los ao encontro daquilo que eu quero, é meio caminho andado, digamos, um ponto forte. (...) Estamos aqui é para aprender e levo-os a gostar e a treinar a modalidade. Aquilo que sinto mais dificuldade são as turmas, tem haver com a organização escolar, porque como as turmas são muito grandes e eu tenho um pequeno espaço para dar a modalidade. (...) É complicado com o espaço; as infraestruturas, muitas vezes os materiais e a massa humana que é em demasia.”

16. Na sua opinião, o que significa educar?

“Educar tem haver, com o nível de conhecimentos e educar fisicamente, para mim. Tirando a minha disciplina, é educar para os valores, para as atitudes, para cumprir as regras. Todos esses valores, eles têm de saber aplicar na sua vida, no dia a dia.”

17. Considera que um educador é apenas um transmissor de conhecimentos? Considera que o ato de ensinar deve envolver também educar? / Para além de ensinar também educa os seus alunos?

“Exatamente! A escola tem um papel preponderante na educação das crianças e aliás, veio substituir um pouco a família, os pais. Não é que eu concorde, porque acho que deve ser dada em casa, mas que é assim é. Hoje em dia, muito mais que outros tempos, educar é na escola. Grande parte da educação é na escola. (...) Se o professor não educar, não consegue ensinar. Se eu não conseguir manter os meus alunos atentos e concentrados, não há hipótese.”

18. Que papel deve ter desempenhado, enquanto professor, para que no final da aula se sinta realizado(a)?

“No final eu tenho que sentir que eles aprenderam. (...) Imagina, dás determinados conteúdos retirados numa situação de jogo. No final eles têm de saber aplicar em jogo e vejo se aplicaram ou não.”

19. De um modo geral, quais são os objetivos educacionais que considera que podem ser alcançados na sala de aula?

“Têm que ter respeito, entre-ajuda, autonomia, segurança, estar atentos e concentrados.”

Entrevista 2

Nome: Manuel Lopes

Idade: 58

Habilitações académicas: Licenciatura em Filosofia e Humanidades

Professor(a): de Português, Latim e Grego

Turma(s): 11º A; 12º B; 12º C

Professor(a):

1. Há quanto tempo é docente?

“Há 35 anos e meio.”

2. Há quanto tempo leciona neste estabelecimento de ensino?

“Deste 1985.”

3. O que é que esteve na base da escolha da profissional? / Quais foram as principais razões dessa escolha?

“O gosto por ensinar, porque ensinar implicava conhecer e como eu gostava de conhecer, gosto de transmitir e procurava conhecer. Até porque tive experiências antes, tive outras perspetivas profissionais (...) mas cheguei à conclusão que não eram a minha vocação.”

4. Que balanço faz do seu percurso profissional?

“Positivo. Claro que hoje em dia interrogo-me se pudesse voltar atrás voltava a querer ser professor mas interrogo-me porque os alunos de hoje não são como os do passado pelo menos na abertura ao conhecimento, não se abrem ao conhecimento. Muitos deles até são boas pessoas, parecem-me serem bons cidadãos mas em termos de desenvolvimento não querem, pelo menos não têm grande propensão para a reflexão, para o pensamento, querem as coisas muito rapidamente. Talvez seja um problema relacionado com a tecnologia. Hoje têm tudo à distância de um clique e por causa disso querem e pensam que é assim. Os discursos que leva a uma compensação que é o sucesso não existe, esforçam-se muito pouco exatamente por causa disso.”

5. Integra algum órgão de direção da escola? Qual/Quais?

“Neste momento não. Já integrei no passado no conselho pedagógico vários anos, no conselho diretivo, a assembleia da escola e coordenador de departamento durante alguns anos também, mas nunca tive grande apetite por órgãos de poder.”

6. Como avalia a sua ação na vida escolar? Considera-se um membro ativo da comunidade escolar?

“Sim. Já fui mais ativo, confesso. Sem dúvida, quer dentro da escola quer fora da escola, em que a escola estava envolvida. Neste momento a motivação é diferente, as motivações hoje são poucas para essa atividade intra e extra escola.”

7. Costuma relatar os problemas que enfrenta, tanto administrativos como pedagógicos, na sua prática docente à direção da escola? Se sim, de que forma?

“Sim. Raramente tenho problemas. Quando os tenho, procuro resolve-los eu. Aliás, com 35 e pouco anos de serviço, curiosamente foi este ano que apresentei a primeira participação à direção por causa de uma má conduta de alguns alunos, porque normalmente procuro resolver as situações. As situações pedagógicas, normalmente são transmitidas ao coordenador. Ir à direção mesmo só em última instância.”

8. Como é que, habitualmente, costuma preparar as suas aulas?

“Preparo sempre no dia seguinte e no dia anterior. Nunca venho para a escola desarmado. Venho sempre armado, quer em termos de sumários, quer em termos de planificação, depende. Mesmo os objetos explicitados vêm pelo menos registados na minha agenda que tenho todos os dias.

É sempre uma novidade. Nunca faço o mesmo que fiz no ano anterior. Faço coleção de todas as agendas onde registo tudo e às vezes vou confrontar com o ano anterior, com os anos atrás, vou comparar e verificar. Mesmo testes, matrizes para os testes e planificações podem servir um pouco de inspiração mas nunca são usadas, há sempre alterações em função das novas realidades dos alunos. Os alunos são sempre diferentes. Por exemplo os testes, eu bem podia dar um teste do ano anterior, mas vou olhar para ele e os alunos não estão preparados para responder a estes tipo de teste então tenho de fazer ajustamentos. Nunca pego num documento e uso exatamente da mesma

forma, há sempre alterações. Infelizmente para mim, porque me obriga a estar sempre em ação, mas também não consigo pegar em coisas dos anos anteriores.”

9. Utiliza com frequência recursos de ensino, recursos didáticos? Quais os recursos didáticos que mais utiliza?

“Neste momento é o computador; o projetor; a escola virtual uso de uma forma muito racional, poucas vezes porque é muito infantil e faz a abordagem das questões de uma forma infantil. Fiz alguma seleção criteriosa porque tem exercícios muito infantis. Faz uma questão e já se está a ver qual é a resposta e portanto não puxa pelo pensamento do aluno, não exercita o raciocínio dos alunos. Tem é uma belíssima informação. Quando o uso é a propósito da informação, dos recursos, dos textos, é ótima. O problema é quando entramos nos exercícios, nas atividades e de facto é bastante infantil.”

10. De que forma motiva os seus alunos para a aprendizagem da matéria?

“Teatralizo muito as aulas. Portanto, enceno muitas as aulas e mesmo assim é difícil porque os alunos não estão virados para nada. Há disciplinas que implica o silêncio e reflexão, como é o caso da Filosofia, que implica ler e ler não é prenciar palavras, ler é colher ideias. Aliás do latim «*legre*» significa colher. Por exemplo, diz-se «Ah, lê tão bem porque prenciou com uma boa dicção», mas pode não ter percebido nada. Se não percebeu nada não leu, não colheu. Ler é colher, colher ideias. E os alunos não estão muitas vezes para essa colheita de ideias. (...)

Exploração de imagens; passo algumas pinturas, esculturas, alguns monumentos, audição de peças musicais; arquitetura, portanto para motivar os temas.”

11. Como caracteriza a sua relação com os alunos?

“É boa, com alguns até é excelente só que eu queria que fosse em algumas situações boa e também excelente, e não é porque os alunos não são cúmplices dessa relação. Os alunos não têm essa cumplicidade. Eu não digo que seja por vontade própria, eles são assim. Não foram educados no sentido de criarem essa cumplicidade nas relações pessoais e neste caso, de facto noto uma grande diferença em relação ao passado. Os alunos de facto têm cada vez menos cumplicidade e envolvem-se cada vez menos e claro que isso afeta a relação pessoal entre o professor e aluno. Portanto, um aluno que não se envolva naquilo que nós estamos a transmitir e não estamos a

transmitir coisas fora daquilo que é fora dos programas. Portanto, não se envolvem e a não se envolverem, a relação fica afetada.

A relação pessoal com o aluno é tanto melhor quanto maior for o envolvimento do aluno com aquilo que se está a tratar. Se não se envolve, a relação pessoal fica estragada muitas vezes, e hoje em dia há muitos casos. É curioso que alguns alunos até fora da sala de aula parecem ser grandes cidadãos, são educados e respeitadores, mas não sabem estar na aula, não se envolvem naquilo que se está a tratar, não ajuda na interação pedagógica e portanto estraga a relação professor e aluno.

Fora são uns, dentro da sala são outros. Se calhar pelo excesso de tempo que as aulas têm. As aulas têm 90 minutos e é pesado. Nem num jogo de futebol que tem um intervalo de 15 minutos. Talvez isso seja um fator, mas de facto as relações pessoais professor e aluno ficam afetadas negativamente pela não envolvimento do aluno, pela não cumplicidade no processo ensino-aprendizagem, porque não interagem. E também a prejudicar essa interação é que são preguiçosos. Não leem, não fazem os trabalhos de casa, chegam sempre desarmados à sala de aula e lá se vai a interação. Ora se o aluno fizesse os trabalhos de casa, não lhes peço sempre porque também lhes dou folga de vez em quando, mas peço sistematicamente. Mas não fazem, a maior parte não traz. Há uma minoria, não chega à meia dúzia por turma que vão fazendo alguma coisa, mas a maioria não faz e não se pode dar uma aula como nós queríamos sempre em interação, para não ser sempre o professor a falar porque para nós é um descanso, é uma maravilha, porque se não nós fazemos tudo. (...)

Não deve haver um afastamento, deve haver sempre uma proximidade, mas essa proximidade por vezes é afetada pela falta de empenho por parte dos alunos. (...) Faz-me lembrar um excerto do diário do Sebastião da Gama, poeta da arrábida que de facto ele foi professor do ensino secundário que diz que o professor é tanto professor na sala de aula como no corredor, como fora da escola. Se o professor deve ser professor dentro da sala de aula, no corredor, no recreio e até fora da escola, isso implica uma proximidade e uma boa relação com o aluno. Se ele não tem uma boa relação com o aluno, o aluno na sala de aula é um frete para nos aturar e não está para nos aturar muito menos fora da sala de aula, não nos atura mesmo, vira as costas. O professor deve ter uma relação de proximidade mas uma relação de respeito mútuo. Nós se formos corretos, transparentes e respeitadores, o aluno percebe isso sem ter formação nenhuma. Ele percebe isso e instintivamente acaba por ser respeitador. O respeito não se impõe. Aliás a autoridade não se impõe.”

12. Explique, por favor, de que forma faz uso da sua autoridade?

“A autoridade é uma coisa natural e se há forma de impor a autoridade é com a competência. Só com a competência. Impor a autoridade na base da obrigação de coisas acaba por não ser autoridade mas autoritarismo e portanto não chegamos a lado nenhum. A autoridade implica a competência que passa pela preparação do conhecimento para poder falar das coisas mas passa sempre pela competência e pela relação, pelos afetos porque tem a ver com o respeito. O aluno tem que sentir que o professor gosta dele, que tem afetos. Que olha para ele como uma pessoa humana mas que olha para ele com a tal competência que lhe dá aquela autoridade. É a competência que dá a autoridade, não é o corpo, não é a composição física, não é a beleza, é a competência que lhe vai dar a autoridade. O à-vontade que tem na sala de aula é o que lhe dá a autoridade porque quando não tem autoridade recorrem a subterfúgios, como por exemplo berrar, o gritar, o pôr fora da sala de aula. Tudo isso se pode evitar pela competência. Um professor competente tem autoridade. Que seja competente, rigoroso, cumpridor, honesto, transparente e tem autoridade. Só se pode ser líder com estas características se não, há mínima coisa estala o verniz, lá se vai a autoridade. A autoridade está aí, sempre esteve e estará. A competência é que passa por tudo, não é só pelo conhecimento mas também pelos valores morais, tem haver com a honestidade, a transparência, tem haver com tudo isso.”

13. Que imagem tem dos professores deste nível de ensino?

“Neste momento é difícil de responder. (...) Há uma grande desmotivação provocada pela instabilidade social, política e económica do país. Mesmo o que acontece com os professores acontece com outras classes profissionais, principalmente na função pública à uma desmotivação muito grande devido a esses fatores. (...) Há uma coisa que não me trava o trabalho e o desempenho, é que tenho os alunos. Como tenho do outro lado alunos e como sei que estão em causa pessoas que dependem de nós. O futuro deles dependem de nós ora então não me posso esquecer disso e como tal tenho forçosamente de estar motivado para cumprir com o que devo cumprir. Quantas vezes me interrogo se merecem. Mas o estado não merece que eu faça isso, porque já me foi tirado sistematicamente dinheiro e estão sempre a tirar mas afinal de contas quem tenho do outro lado? São alunos que não têm culpa nenhuma disso. Mas o trabalho continua com empenho por causa dos alunos. Só e simplesmente por causa dos

alunos. O professor já trabalha e já não está a pensar em promoções, em salários, está a pensar nos alunos, para não serem vítimas disto também.”

14. Que imagem tem de si próprio(a) como professor(a)? Se tivesse que se descrever como o faria?

“É positiva. Pelo menos eu penso isso. Agora pode é não constar à verdade, isto de fazermos uma autoavaliação é quase como ser juiz em causa própria, portanto eu não gosto muito. Não gosto muito de falar de mim. Tenho uma boa imagem de mim porque tenho cumprido e tenho feito tudo o que está ao meu alcance. Revolto-me quando vejo que os alunos não se empenham e digamos que isso não leva a lado nenhum, lá está a falta de cumplicidade e revolta-me. Quantas vezes saio da sala de aula triste e frustrado pelo facto de tanto esforço em querer transmitir as coisas e os alunos não querem, uma grande parte não quer e causa em nós um vazio, uma frustração, uma desilusão e uma tristeza grande. Gostaria que eles soubessem. Há aulas em que se portaram melhor um pouco e tal, e acabaram por estar mais atentos mas não é fácil, é raro. Uma pessoa sai mais feliz. Quando sabemos que eles tiraram proveito daquilo que nós estivemos a fazer, agora quando não tiram proveito chega a ser dramático para nós.”

15. No seu exercício profissional diga quais são os seus pontos fortes e quais os aspetos em que sente mais dificuldades.

16. Na sua opinião, o que significa educar?

“Educar é tão simples quanto isto, é conduzir. Educar é conduzir. Aliás, segundo a etimologia educar vem de *e* mais *duco*, *duques*, *ducre*, *duxi*, *ducto*, significa conduzir para fora de. Ora educar é exatamente conduzir para fora de e o professor tem essa função também, de conduzir. O professor não se deve limitar apenas a transmitir conhecimentos, a cumprir programas e deve preocupar-se em transmitir valores, digamos, a conduzir no fundo. Educar é mesmo conduzir, não manipular, não formatar numa determinada perspetiva. Conduzir sempre numa perspetiva aberta de forma a que eles criem uma consciência crítica, portanto, um espírito crítico, um pensamento crítico. Saber olhar para as coisas e saber discernir, saber julgar, portanto olhar para as coisas com uma visão como eu costumo dizer com óculos de mula, a ver só em frente e ver em todas as direções mas conduzir. Não devemos conduzir nessa perspetiva direccionista, devemos conduzir de forma a desenvolver o espírito crítico. Não podemos abdicar de

conduzir, se abdicamos de conduzir não estamos a ser professores. Simples coisas que nós podemos mostrar a nossa tarefa de conduzir mesmo fora da sala de aula. Quando um aluno tem um comportamento irregular, um comportamento não desejado, nós devemos de chamar atenção. O simples facto de atirar um papel para o chão, vimos e nós observamos, não devemos passar indiferentes, devemos chamar atenção, «olha que não deves fazer isso; vai apanhar se faz favor», portanto, coisas desse género de forma a formar as pessoas e cidadãos. A formação é complexa e é transversal. É o professor de filosofia, é o professor de educação física, é o professor de educação visual, são todos os professores no fundo que deviam de colaborar nessa área educativa. Educar é conduzir. Quando vejo uma coisa irregular eu não consigo, chamo atenção e às vezes tenho alguns dissabores, mas não abduco disso e esperava que os colegas fizessem isso também. Não podemos estar à espera que a educação seja só em casa, na cédula familiar, até porque há famílias que também não têm capacidade de educar devidamente e então a escola está aqui para dar, para completar ou complementar essas falhas da educação em casa e portanto o professor deve ser educador.”

17. Considera que um educador é apenas um transmissor de conhecimentos?

Considera que o ato de ensinar deve envolver também educar? / Para além de ensinar também educa os seus alunos?

“Exatamente o que acabei de dizer. As duas coisas são de facto complementares, transmitir conhecimentos, o ensinar e o educar são complementares porque a própria transmissão de conhecimentos, o ensinar já é só por si um ato educativo, já é conduzir. Mas não pode nunca em circunstância alguma abdicar desse lado de educador, ou seja, de conduzir. De conduzir, pelo que se costuma dizer, no bom caminho. Ora, o bom em termos de conceito subjetivo e de relatividade mas qualquer das formas eu acho que o conceito de bom caminho todos nós sabemos que é na base dos valores, da boa educação e da cidadania.”

18. Que papel deve ter desempenhado, enquanto professor, para que no final da aula se sinta realizado(a)?

19. De um modo geral, quais são os objetivos educacionais que considera que podem ser alcançados na sala de aula?

“Na base da educação para os valores e para a cidadania, que passa fundamentalmente por uma coisa tão simples quanto isto, respeito. Respeito recíproco.

É sempre um papel importante do professor. Se o aluno tem de respeitar o professor, o professor tem de respeitar o aluno. Claro que cada um tem o seu estatuto, cada um está na sua posição. O professor tem como missão essencialmente escutar, senão não está ali a fazer nada, o aluno tem como missão essencialmente escutar, saber ouvir e sempre que puder agir também, atuar, dizer o que pensa e transmitir o que sabe porque também nos pode ensinar alguma coisa. Alguns alunos podem nos ensinar muita coisa, alguns não ensinam nada, digo-lhe já, alguns não conseguem ensinar nada mas muitos ensinam. Felizmente alguns ensinam coisas.”

Entrevista 3

Nome: Susana Cláudia Mendes Coelho

Idade: 34

Habilitações académicas: Licenciatura em Filosofia – Ramo Educacional

Professor(a): Contratada – Filosofia (10º), Psicologia B (12º), Área de Integração (12º)

Turma(s): 10º B, 10º D, 12º C, 3º E-P

Professor(a):

1. Há quanto tempo é docente?

“Há 13 anos.”

2. Há quanto tempo leciona neste estabelecimento de ensino?

“Há 4 anos.”

3. O que é que esteve na base da escolha da profissional? / Quais foram as principais razões dessa escolha?

“Escolhi esta profissão por paixão pela disciplina de Filosofia (incutida por duas professoras do Ensino Secundário – 10º e 12º anos) e por achar ter aptidões comunicativas para a pedagogia.”

4. Que balanço faz do seu percurso profissional?

“Apesar da incógnita, ano após ano, faço um balanço positivo, pois sempre obtive colocação e perto da residência. Não obstante, “colecionei” horários incompletos e acumulações em três escolas em simultâneo, no mesmo ano letivo.”

5. Integra algum órgão de direção da escola? Qual/Quais?

“Não. Apenas sou Diretora de Turma.”

6. Como avalia a sua ação na vida escolar? Considera-se um membro ativo da comunidade escolar?

“Tento ser participativa na vida escolar, isto é, contribuir para o funcionamento da escola extra sala de aula ao promover algumas atividades para os alunos e para a restante comunidade escolar, promovendo uma visão útil e atual da Filosofia.”

7. Costuma relatar os problemas que enfrenta, tanto administrativos como pedagógicos, na sua prática docente à direção da escola? Se sim, de que forma?

“Depende da gravidade do problema. Só recorro quando é indispensável intervenção da autoridade máxima.”

8. Como é que, habitualmente, costuma preparar as suas aulas?

“Com antecedência e, primeiro documentando-me. Depois idealizando estratégias e recursos adequados aos temas e às turmas.”

9. Utiliza com frequência recursos de ensino, recursos didáticos? Quais os recursos didáticos que mais utiliza?

“Sim: texto filosófico, texto não filosófico mas relativo às temáticas em causa, por exemplo, notícias, uso diapositivos, esquemas, imagens, filmes e documentários, músicas.”

10. De que forma motiva os seus alunos para a aprendizagem da matéria?

“Através da diversificação de estratégias e recursos, assim como tentando “puxar” a Filosofia para a atualidade.”

11. Como caracteriza a sua relação com os alunos?

“Tento ter uma relação empática, mas respeitosa e, ao mesmo, hierárquica com os alunos.”

12. Explique, por favor, de que forma faz uso da sua autoridade?

“Para impor e fazer respeitar as regras.”

13. Que imagem tem dos professores deste nível de ensino?

“Tenho uma boa imagem, de profissionais competentes, embora bastante desmotivados pelas circunstâncias, do governo e alunos.”

14. Que imagem tem de si próprio(a) como professor(a)? Se tivesse que se descrever como o faria?

“Sinto que tento desempenhar o melhor possível a minha profissão, mas sem incentivos ou gratificações.”

15. No seu exercício profissional diga quais são os seus pontos fortes e quais os aspetos em que sente mais dificuldades.

“Os meus pontos fortes é o à-vontade comunicativo e o gosto pela pedagogia. Os meus fracos é a desmotivação face às circunstâncias e as dificuldades para a liderança autoritária.”

16. Na sua opinião, o que significa educar?

“Educar é formar, pedagógica e civicamente, indivíduos. Portanto, o professor tem um programa, mas também tem valores a incutir, se bem que o papel das famílias é a base deste trabalho.”

17. Considera que um educador é apenas um transmissor de conhecimentos? Considera que o ato de ensinar deve envolver também educar? / Para além de ensinar também educa os seus alunos?

“Sim, sem dúvida. Educar é transmitir conhecimentos, mas também valores. Portanto, no início do ano, estipulam-se as regras, às quais tem de ser lembradas com frequência. Paralelamente, os temas da Filosofia também envolvem questões cívicas. No caso do Diretor de Turma, a responsabilidade no sentido da Educação para os valores ainda é maior. O Diretor de Turma tem de insistir na boa postura dos alunos. Todavia, o professor do Ensino Secundário já não educa de raiz, apenas tenta continuar o trabalho que, supostamente, as famílias fazem com os alunos em casa.”

18. Que papel deve ter desempenhado, enquanto professor, para que no final da aula se sinta realizado(a)?

“De educador, transmissor de conhecimentos e valores.”

19. De um modo geral, quais são os objetivos educacionais que considera que podem ser alcançados na sala de aula?

“A formação científica dos alunos e alguma formação cívica.”

Professor(a) de filosofia:

20. Quais as dificuldades que encontra no ensino da filosofia? De que forma tentar colmatar essas dificuldades?

“O problema maior é o descrédito que a maioria dos portugueses dá à Filosofia, sem grandes fundamentos. Tento ultrapassar isto, fazendo os alunos compreender a atualidade da Filosofia.”

21. Quais as estratégias que utiliza para motivar os seus alunos?

22. Quais os recursos didáticos que utiliza para o ensino e a aprendizagem da filosofia?

23. Na sua opinião, quais são as competências que o ensino da filosofia deve desenvolver nos alunos do ensino secundário?

“O saber filosofar, isto é, serem atentos, reflexivos, críticos e autónomos face a si e ao que os rodeia.”

24. Considera que a atitude do professor de filosofia é um elemento determinante para o ensino da filosofia? Se sim, porquê?

“Sim, eu própria fui conquistada para a disciplina pelos professores que tive.”

25. Concorda que o professor de filosofia tem um papel importante na educação dos alunos? Se sim, porquê? E de que forma, através da sua prática educativa, consegue educar os alunos?

“Sim, porque pode transmitir conhecimentos e valores com facilidade face aos temas do programa.”

26. Qual ou quais as modalidades de avaliação que privilegia no ensino da filosofia?

“A avaliação formativa, porque faz constantes pontos de situação.”

27. O que entende por educação filosófica?

“É a educação para a cidadania, para a Filosofia.”

Entrevista 4

Nome: Maria Guilhermina da Rocha Soares Barbosa

Idade: 58

Habilitações académicas: Mestrado em Filosofia Medieval

Professor(a): de Filosofia

Turma(s): 10º A, 10º C; 11º B

Professor(a):

1. Há quanto tempo é docente?

“Há 36 anos.”

2. Há quanto tempo leciona neste estabelecimento de ensino?

“Há 9 anos.”

3. O que é que esteve na base da escolha da profissional? / Quais foram as principais razões dessa escolha?

“Escolhi mesmo por gosto, completamente.”

4. Que balanço faz do seu percurso profissional?

“É positivo. Embora, eu acho que é positivo porque gosto, porque andei por muitos sítios. Mas acho que o balanço é positivo. Aconteceram muitas coisas mas que não me deixaram mágoa. Olhando para a minha vida profissional, apesar de tudo que tem acontecido, as mudanças, os cortes no salário, os alunos que não são de maneira nenhuma iguais aos que eram antes, acho que a minha profissão não me desiludiu.”

5. Integra algum órgão de direção da escola? Qual/Quais?

“Já fui coordenadora da escola, mas agora não.”

6. Como avalia a sua ação na vida escolar? Considera-se um membro ativo da comunidade escolar?

“Creio que nesta escola não me foi proporcionado até há muito pouco tempo, grandes possibilidades de ser um membro ativo na escola. Se calhar porque não me

esforcei muito. Já nas outras escolas aconteceu, sim. Houve escolas que me reconheceram algum valor e nomeadamente aproveitaram-se daquilo que eu tinha para dar para a escola. Esta escola penso que não, não considero que isso tenha acontecido. Penso até que caí como uma pedrada no charco aqui nesta escola, é isso que eu acho.”

7. Costuma relatar os problemas que enfrenta, tanto administrativos como pedagógicos, na sua prática docente à direção da escola? Se sim, de que forma?

“Sim, se tiver algum problema e sempre o fiz. Se for algo mais sério dirijo-me à direção.”

8. Como é que, habitualmente, costuma preparar as suas aulas?

“Costumo servir-me de um monte de manuais e comparar textos.”

9. Utiliza com frequência recursos de ensino, recursos didáticos? Quais os recursos didáticos que mais utiliza?

“Às vezes uso slides, uso filmes. Uso imensos textos e uso o mais possível o manual. Porque acho que se compram o manual, parece-me a mim um desperdício não utilizar e acho que é brincar um bocado com o dinheiro que se gastou. Portanto, texto de autores, texto filosófico. (...) E tento recolher exemplos concretos da vida.”

10. De que forma motiva os seus alunos para a aprendizagem da matéria?

“Normalmente digo-lhes que a filosofia está ligada à vida intimamente e que fala só de coisas que têm a ver com a realidade, que nós vivemos e portanto que é de todo o interesse deles, algumas coisas até já sabem, há coisas que no fundo sabem e não têm consciência que sabem ou que se utilizam aqueles conceitos, não sabem quem foram os filósofos mas até sabem algumas coisas e levá-los a pensar porque é a pensar sobre a vida e fazê-los perceber que pensar não é nada que seja doloroso, que se eles são capazes de caminhar também são capazes de pensar, como eu costumo dizer.”

11. Como caracteriza a sua relação com os alunos?

“Acho que é uma relação muito próxima. Acho que eles estão perfeitamente à vontade comigo. (...) Eu começo por gostar sempre dos meus alunos, depois pode haver um ou outro que é muito indisciplinado, logicamente que é desagradável. Às vezes

certas situações são menos fáceis, mas eu gosto deles. Normalmente gosto dos meus alunos e portanto acho que esta relação é uma relação de proximidade, embora uma relação que exige o respeito, o respeito normal, não é o respeito de distância que o professor está lá em cima e ele está cá em baixo, mas gosto. É uma proximidade de seres humanos em que cada um desempenha o seu papel. Às vezes somos estudantes de Filosofia todos juntos à volta de um texto ou de um assunto qualquer, estamos ali a trabalhar e a fazer coisas.”

12. Explique, por favor, de que forma faz uso da sua autoridade?

“Como sou próxima deles não é preciso de fazer uso normalmente da autoridade. Se for absolutamente necessário fazer uso do facto de eu ser professora e eles serem alunos, aí sou capaz de ser um bocadinho dura também. Digo o que tenho a dizer, chamo atenção, em último das últimas instâncias poderei mandar sair um aluno. Mas não mando por qualquer motivo, nem mando à primeira, nem à segunda, nem à décima seguramente, porque isso era fazer o que eles gostam. Portanto, não é isso que eu faço.”

13. Que imagem tem dos professores deste nível de ensino?

“Uma boa imagem. Até porque acho que não me compete a mim, falando a nível do ensino secundário, eu não posso de maneira nenhuma ser quem avalia o trabalho da professora de biologia, da física, da química, da matemática, de educação física, porque não me compete a mim fazê-lo, não me compete nem acho que tenha competências. Dentro da Filosofia também não me compete a mim estar a avaliar o trabalho dos meus colegas e neste momento também não sou eu a coordenadora e não me parece que seja esse o papel. Acho que só tenho uma boa opinião e não ando preocupada se o fulano ensina bem ou mal porque eu não estou na aula, não sei.”

14. Que imagem tem de si próprio(a) como professor(a)? Se tivesse que se descrever como o faria?

“Talvez pela parte afetiva até, a professora que é confidente. Muitas vezes sou confidente dos meus alunos e isso aconteceu-me sempre ao longo da minha vida em todas as escolas por onde passei, sempre. A professora que eles às vezes inesperadamente procuram no fim da aula e dizem que estão com problemas e precisam de falar comigo. E portanto eu acho que sou a professora que está próxima deles, que os quer ajudar e que gosta que eles leiam muito e que eles pensem, e que nunca sejam

carneirinhos atrás uns dos outros, cada um seguisse o seu caminho, saber as coisas que têm de pensar e ter uma noção das coisas, e saber que o que temos é o que nós escolhemos.”

15. No seu exercício profissional diga quais são os seus pontos fortes e quais os aspetos em que sente mais dificuldades.

“A grande dificuldade é o tipo de alunos que temos pela frente. Portanto, aquele aluno que inexplicavelmente chega ao 10º ano ou 11º ano sem saber ler nem escrever e eu não sei como chegaram. Só acho que estão a chegar lá porque houve tanto facilitismo e a culpa nem será do professor A, B ou C. Acho que a culpa maior está nas decisões do estado que durante muito tempo teve e foi esse o facilitismo e logicamente isso não foi bom. Tenho dificuldade em encontrar pessoas que a nível da educação têm muitas deficiências que até são de educação básicas. Muitas vezes digo «não faça isso, põe a mão à frente; olha não te espreguices que é feio; não faça isso que não fica bem». Os alunos não sabem falar com as pessoas, «oh professora olhe, não é oh professora»; «você sabe que não sei quê, não digas isso, diz «professora sabe, não digas mais nada, mas diz assim que eu gosto mais»; «você...» não quero isso. Quero até que me chame professora. Também mantê-los em silêncio que é outra coisa que não percebo como se faz o 1º ciclo, 2º ciclo, 3º ciclo ou o secundário e não sabem entrar em silêncio na sala de aula, é assustador e acho que isso tem de mudar nesta escola. São estas as maiores dificuldades que tenho. Tenho facilidade no diálogo e acho que é o meu ponto forte. Tenho boa capacidade de diálogo, tenho boa capacidade de comunicação e facilita imenso dar a aula. Faço questões sobre a vida. Trazer a realidade.”

16. Na sua opinião, o que significa educar?

“Educar é um conceito muito mais amplo do que estar a dar aulas. A educação acho que é de todos os níveis e portanto acho que a educação é muito abrangente. Mas às vezes acho que nós como professores inevitável também somos educadores, porque nós marcamos os nossos alunos. O que era bom era que marcássemos sempre pela positiva mesmo sem querer também podemos marcar um bocadinho pela negativa. Por exemplo, quando digo que devem ler notícias, devem ler os jornais, tentar esclarecer sobre o que se passa no mundo. Acho que isso não é o papel do professor mas o papel do educador também. É uma chamada de atenção para coisas tão importantes na vida deles. Quando estamos a ensiná-los a conversar com os outros, a forma como devem

estar sentados, com devem ouvir, como devem agir, aí penso que também estou a ser educadora. Acho que educo mais nessas mensagens todas do que exatamente a despejar conceitos filosóficos.”

17. Considera que um educador é apenas um transmissor de conhecimentos? Considera que o ato de ensinar deve envolver também educar? / Para além de ensinar também educa os seus alunos?

“Sim. Nem penso que o estou a fazer mas inevitavelmente faço-o. O professor é também um formador nessa formação. Infelizmente, são os professores que educam os filhos. (...) Reconheço que muitos pais não tiveram possibilidade e infelizmente delegam na escola e na minha opinião isso é muito triste, como mãe e como mulher acho isso muito lamentável. Realmente eu acho que deveriam de ser os pais a transmitir toda a educação, mas mesmo que os pais tenham essa oportunidade, os professores continuam a ser um pouco formadores também para além de ensinar a sua disciplina porque na verdade é inevitável. Porque estamos em contacto com eles, mas aí eles já têm uma formação de base. (...) A educação é estarmos disponíveis para eles.”

18. Que papel deve ter desempenhado, enquanto professor, para que no final da aula se sinta realizado(a)?

“Eu tenho um plano de aula, se eu conseguir fazer o plano de aula e correr tudo normalmente sinto-me completamente realizada e é um dia maravilhoso. Se a conversa era demasiada e eu interferi imensas vezes para os calar, para chamar atenção e me perdi um pouco ou não consegui acabar o que tinha pensado, sinto-me mal.”

19. De um modo geral, quais são os objetivos educacionais que considera que podem ser alcançados na sala de aula?

“Têm que cumprir os objetivos que estão estabelecidos.”

Professor(a) de filosofia:

20. Quais as dificuldades que encontra no ensino da filosofia? De que forma tentar colmatar essas dificuldades?

“O facto de me munir de toda a informação possível, ajuda-me imenso, quer dizer, não fico presa àquilo que aprendi e tento construir de novo, recomeçar e fazer melhor.”

21. Quais as estratégias que utiliza para motivar os seus alunos?

22. Quais os recursos didáticos que utiliza para o ensino e a aprendizagem da filosofia?

23. Na sua opinião, quais são as competências que o ensino da filosofia deve desenvolver nos alunos do ensino secundário?

“Pensando no programa e pensando em termos gerais, é fundamental que eles deixem de ter receio do texto, que vivam com o texto filosófico e que tenham vontade de contactar com a obra filosófica. Tem que conhecer alguns conceitos filosóficos e conhecer o programa. Tem que saber escrever, fazer um ensaio.”

24. Considera que a atitude do professor de filosofia é um elemento determinante para o ensino da filosofia? Se sim, porquê?

“Muito. Os professores são muito importantes.”

25. Concorda que o professor de filosofia tem um papel importante na educação dos alunos? Se sim, porquê? E de que forma, através da sua prática educativa, consegue educar os alunos?

26. Qual ou quais as modalidades de avaliação que privilegia no ensino da filosofia?

“Depois dos instrumentos que utilizamos, o teste escrito. Não privilegio o trabalho de grupo porque para privilegiar tenho de impor muitas regras e tenho de exigir muito e portanto como dá muito trabalho e como não é fácil avaliar, não privilegio tanto. O diálogo na aula e depois o teste.”

27. O que entende por educação filosófica?

“A educação, para mim, é uma educação para a vida. É essencialmente levá-los a pensar por nós próprios sem ser arrastados pelos outros. Mas isso significa que deverão ouvir e ler para dizerem mesmo que seja ao contrário daquilo que pensam. Só posso criticar no sentido negativo aquilo que já domino. Se não domino como posso dizer que

eu não gosto, se eu não sou como aqueles, se eu penso ao contrário? Então eu acho que já uma Filosofia que se aplica na vida.”